

Jorge Domingues Lopes (Org.)

Coletânea de textos do multicampiartes



EDITORA
UNIVERSITÁRIA
UFPA

Linha Literária



LINHA LITERÁRIA

COLETÂNEA DE TEXTOS DO MULTICAMPIARTES



UFPA – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Reitor

Alex Bolonha Fiúza de Mello

Vice-Reitora

Regina Fátima Feio Barroso

PROEX – PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

Pró-Reitora de Extensão

Ney Cristina Monteiro de Oliveira

Diretora de Apoio Cultural

Adriana Clairefont Melo Couceiro

EDUFPA – EDITORA DA UFPA

Diretora

Laís Zumero

Divisão de Editoração

José dos Anjos Oliveira

LINHA LITERÁRIA

COLETÂNEA DE TEXTOS DO MULTICAMPIARTES

JORGE DOMINGUES LOPES (ORG.)



L I N H A L I T E R Á R I A
Coletânea de Textos do Multicampiartes

© 2008 Pró-Reitoria de Extensão da UFPA

Todos os direitos reservados desta publicação.
Nenhuma parte deste Livro pode ser reproduzida ou transmitida
por qualquer forma ou meio sem a prévia autorização por escrito da PROEX/UFPA

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Jorge Domingues Lopes

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Elizabete Nepomuceno Raiol Lopes

REVISÃO
Ângela Sampaio, Jorge D. Lopes e Maíra Carvalho de Carvalho

CAPA
Vilson Vicente

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da UFPA, Belém, PA, Brasil)

Linha literária: coletânea de textos do Multicampiartes / Jorge Domingues
Lopes, (Org.). - Belém: EDUFPA, 2008.

ISBN: 978-85-247-0445-1

1. Poesia brasileira – Pará. 2. Prosa brasileira – Pará – Séc. XXI.
I. Lopes, Jorge Domingues, org.

CDD – 21. ed. 869.91

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO/UFPA

Cidade Universitária Professor José da Silveira Netto
Rua Augusto Corrêa, 1, Guamá, 66075-110, Belém-Pará
Tel.: (91) 3201-7127. Site: www.proex.ufpa.br E-mail: proex@ufpa.br

APRESENTAÇÃO

A Pró-Reitoria de Extensão da UFPA, partindo do princípio de que é possível “desencadear um processo de aperfeiçoamento teórico-prático, experimentação e divulgação das artes pelos e entre os vários campi da Universidade” (Barroso, 2003), de forma planejada para o “fortalecimento da integração entre a comunidade universitária e a do município da qual ela é também parte constitutiva” (Idem), trouxe a público, em 2007, o Edital do Programa Multicampiartes, que congrega ações educativo-culturais de extensão universitária pelos Campi da UFPA, representa uma das mais bem-sucedidas atuações da universidade no Estado.

O Edital foi uma conquista há muito almejada por nós, educadores, e técnicos da UFPA e comunidade em geral, uma vez que ampliou o caráter democrático do Programa, essencial a toda atividade extensionista, tanto na escolha dos cursos, relacionados às várias linguagens artísticas: artes plásticas, música, dança, teatro e literatura, quanto na diversidade de propostas de trabalho para os municípios, onde o Multicampiartes se fez presente.

Advém deste contexto o Projeto Linha Literária, coordenado pelo professor Jorge Domingues Lopes, cuja proposta explicitou as diretrizes da Extensão Universitária, e teve como objetivos: estimular, reconhecer e valorizar atividades literárias em municípios paraenses a fim de difundir a leitura e a produção de textos, dos mais diversos gêneros, por pessoas que residam na própria região, como forma valorizar a cultura local e o conhecimento empírico destas, que unido ao trabalho acadêmico constitui um dos componentes da ação extensionista.

Destarte, ao publicar o livro *Linha Literária: Coletânea de Textos do Multicampiartes*, que é resultado imediato dos Cursos de Literatura nos municípios de Altamira, Breves, Cametá e Santarém, a PROEX-UFPA traz a público mais um produto da extensão universitária, fortalecendo e reafirmando os elos entre a comunidade acadêmica e a sociedade, valorizando os autores locais, dando visibilidade a esses artistas e seus talentos, credenciando a Universidade como um espaço de referência para esses sujeitos de cidadania.

Profa. Dra. Ney Cristina Monteiro de Oliveira
Pró-Reitora de Extensão da UFPA



SUMÁRIO

Multicampiartes Literatura	11
Agradecimentos	15
PARTE I – ALTAMIRA	16
ANDRÉA SANTANA BARRIGA	
<i>Realidade encantada</i>	19
BRUNO HENRIQUE FEITOSA	
<i>Como canção</i>	20
FRANCISCO CÂNDIDO	
<i>Chico caça e pesca</i>	21
<i>Sem retorno</i>	22
<i>A baiana da cocada</i>	23
IVANETE PAIXÃO	
<i>Dança do poema</i>	24
JANAÍNA MARIA GONÇALVES	
<i>A troca</i>	25
<i>Volta</i>	26
<i>Mergulho</i>	26
J. P. MIRANDA	
<i>Reflexões</i>	27
<i>O presente roubado</i>	28
<i>Das alturas te observei</i>	28
LUANA FERREIRA DA SILVA	
<i>A arte de pintar</i>	30
<i>Fênix</i>	31
MARILENE NASCIMENTO BARROSA	
<i>A “lua vermelha”</i>	31
ROGÉRIO DE SOUSA JANUÁRIO	
<i>Amor pra toda vida</i>	32
<i>Domingo rola</i>	33
<i>Paisagem</i>	34
SIMONE TONTINI	
<i>Doce Tatuagem</i>	35
TATYENE LIMA SANTOS	
<i>O Rio Xingu</i>	37
VALMIR DO NASCIMENTO SOUSA	
<i>Soneto 1</i>	38

VÁRIOS AUTORES	
<i>Pámulas</i>	39
PARTE II – BREVES	40
EDNEY PRATA	
<i>Vida morte</i>	43
<i>Caminhos</i>	45
<i>Sonho perdido</i>	46
FRANCISCO JOCELY OLIVEIRA	
<i>Rio dos sonhos</i>	47
<i>Berço Itapeva</i>	49
JOELMA BRASIL FARIAS	
<i>Quando és preso</i>	50
MANOEL LENILSON T. SANTOS	
<i>Pelo rio</i>	51
MÁRCIA DOS SANTOS BALIEIRO E JOELMA BRASIL FARIAS	
<i>Desejo</i>	52
MARCILENE ARAÚJO SILVA DA COSTA	
<i>Araticu</i>	53
<i>Rio</i>	56
<i>Bicho-papão</i>	57
<i>Partir</i>	58
MARIA DA PIEDADE BENCHIMOL SERRÃO	
<i>Despedida</i>	58
MARIA DAS GRAÇAS SANTOS LEITE	
<i>Rio</i>	59
MARLENE MARQUES BARBOSA	
<i>Por ti</i>	60
<i>O sonho</i>	61
MARLUCE DA SILVA MORAES	
<i>Embalos e tons</i>	62
<i>Apenas um reflexo</i>	62
NILZETE SOUZA	
<i>Inspiração</i>	63
<i>A noite</i>	63
<i>Borboleta</i>	64
WALDEMAR DANIEL COIMBRA DIAS	
<i>Viagem a Belém</i>	64

PARTE III – CAMETÁ	.66
ALCIONE MOREIRA DA SILVA	
<i>Ao meu redor</i>	.69
ALEXANDRA RODRIGUES BAIA	
<i>Renascer</i>	.70
<i>Obrigações e liberdade</i>	.71
ANDRÉA DO SOCORRO BATISTA DA SILVA E MILIER SARNES TRINDADE	
<i>O bilhete premiado</i>	.73
BENEDITO BARBOSA BACHA	
<i>Saudades</i>	.74
CARLA LORENA PINTO LADISLAU	
<i>Paz</i>	.74
EDILSANGELA PINTO RIBEIRO	
<i>Lembranças</i>	.75
ENILZA DE ALMEIDA CALDAS	
<i>Perdida</i>	.76
GRACIANE COELHO VIEIRA	
<i>Mistério</i>	.76
<i>Infância</i>	.77
IVETE RODRIGUES E ZILDÉIA DE JESUS AQUIME	
<i>Genoveva</i>	.80
JOSÉ DO CARMO LOUZADA D'ALBUQUERQUE	
<i>Engano</i>	.81
<i>Leve melodia</i>	.83
MAILI BERNADETH ASSUNÇÃO VEIGA	
<i>Saudade</i>	.84
MANOEL DOMINGOS GONÇALVES DE MOURA	
<i>Amor é sempre</i>	.85
MARCOS SILVA RIBEIRO	
<i>Os sentimentos</i>	.86
<i>Tremor e temor</i>	.87
MARIA JOCÉLIA OLIVEIRA FURTADO	
<i>Melancolia</i>	.89
MEDIAN GAIA DIAS	
<i>O ser preocupado</i>	.90
<i>A lenda</i>	.91

REGIANE FARIAS NEVES	
<i>O inimigo</i>	93
ROSIANE DE CRISTO LOBATO	
<i>Ausência</i>	94
ZILDÉIA DE JESUS AQUIME	
<i>Lembrança</i>	95
PARTE IV – SANTARÉM	96
AULENICE FERREIRA DA CRUZ	
<i>Máquina da morte</i>	99
<i>O tempo</i>	100
ALRICÉLIA COSTA DE ARAÚJO	
<i>Saudades</i>	102
ÉRICA REGO RIBEIRO	
<i>O spray do amor</i>	103
GILMARA DOS REIS RIBEIRO	
<i>Pés</i>	103
<i>Grito continental</i>	104
NEZI PIMENTEL E ÉRICA REGO RIBEIRO	
<i>A mulher louca</i>	104
RAIMUNDA CARLA ALVORÊDO DA CRUZ	
<i>A greve</i>	106
SÂMELA RAMOS DA SILVA	
<i>Minha professora</i>	106
<i>Índios</i>	107
TÂNIA MARA DOS SANTOS DEZINCOURT	
<i>Devaneio</i>	108
<i>Estranho encontro</i>	108
TATIANE FELISBERTO DOS SANTOS COMISSO	
<i>Encontro</i>	110
VERÔNICA AVELINO ARAÚJO	
<i>Te conheci</i>	111
VÁRIAS AUTORAS	
<i>A visão do outro</i>	112
Posfácio	115

MULTICAMPIARTES LITERATURA

Leitura e produção de textos em municípios paraenses

A extensão universitária compõe uma das bases fundamentais da Universidade Federal do Pará, pois é um processo que favorece a interação indissociável entre a educação, a cultura e o conhecimento científico, permitindo o estabelecimento de relações criativas e transformadoras entre a Universidade e a sociedade paraense.

Nesse contexto, situa-se o Programa de Extensão Universitária *Multicampiartes: Criação e Circulação das Artes*, criado em 2001 e mantido pela Pró-Reitoria de Extensão da UFPA, que tem como finalidade primeira “valorizar e reconhecer as atividades artísticas nos municípios paraenses, para construir com estes a identidade cultural, bem como registrar a memória artística de cada região onde estão instalados os campi da UFPA e assim garantir o fortalecimento do vínculo institucional da Universidade com a realidade social e cultura local” (Edital do Multicampiartes, 2007).

A partir da reestruturação de sua proposta inicial, o Multicampiartes em 2007 permitiu aos professores universitários e técnicos de nível superior apresentar projetos individuais para atender à demanda de cursos de produção artística nos municípios onde a UFPA mantém campi universitários (Abaetetuba, Altamira, Bragança, Breves, Cametá, Castanhal, Marabá, Santarém e Soure).

Assim, apresentamos a proposta do projeto “Linha literária: atividades de leitura e produção literária em municípios paraenses”, cujo objetivo foi “estimular, reconhecer e valorizar atividades literárias em municípios paraenses como forma de difundir a leitura e a produção de textos literários, dos mais diversos gêneros, por pessoas da própria região, como forma incentivar a cultura local e fornecer um retorno à comunidade por meio de uma publicação” (Projeto Linha Literária, 2007, p. 2); ou seja, buscamos estimular a formação ou o aperfeiçoamento de leitores-escreitores voltados para a leitura e produção artística de textos escritos.

O público destes Cursos foi constituído de estudantes, técnicos e professores da UFPA, estudantes e professores de escolas de Ensino Fundamental e Médio, escritores profissionais ou não e qualquer pessoa

com mais de 15 anos¹ da comunidade local, interessada em leitura e produção artística de textos em língua portuguesa.

Uma vez nos Cursos de Literatura do Multicampiartes, essas pessoas receberam informações sobre língua vernácula e literatura (nacional e estrangeira) e, em um processo simultâneo à leitura, foram orientadas para a produção de seus próprios textos escritos, já com a intenção do fazer artística.

Assim, todo este processo envolvendo a leitura e a literatura permitiu não somente a reflexão/compreensão da realidade cultural de determinado grupo em um dado momento histórico, mas também estimulou a valorização e a fixação da língua materna no seio daquele grupo social que, pelos mais diferentes motivos, está, muitas vezes, alienado das possibilidades que o texto escrito, diga-se literário, pode oferecer na construção não só da cidadania, mas sobretudo da própria condição cultural e intelectual do homem.

Após a aprovação do Projeto “Linha Literária” pela PROEX/UFPA, foram feitos ajustes, no que diz respeito à parte material e orçamentária, e indicados os municípios onde aconteceriam os Cursos de Literatura. Foram eles: *Altamira, Breves, Cametá e Santarém*.

Para o município de Altamira, foi designada a Professora Maíra Carvalho de Carvalho (PROEX/UFPA); para o de Cametá, a Professora Ângela Maria Vasconcelos Sampaio (Campus Universitário de Cametá/UFPA), e para os outros dois municípios, o Professor Jorge Domingues Lopes (Coordenador do Projeto Linha Literária / Campus Universitário de Soure/UFPA).

Partindo da proposta de estimular, reconhecer e valorizar atividades literárias em municípios paraenses como forma de difundir a leitura e a produção de textos literários, dos mais diversos gêneros, por pessoas que residam na própria região, como forma valorizar a cultura local, cada Curso foi planejado em função também do módulo que seria ofertado no município. Desta forma, para Altamira e Cametá, os módulos II e III; e para Breves e Santarém, os módulos III e IV.²

Essa dinâmica de organização implicou, certamente, em um estabelecimento de progressão de conhecimentos e conteúdos a serem ministrados. Daí a necessidade de convidar todas as pessoas que participaram dos módulos anteriores do Multicampiartes.

Logo, obedecendo às especificidades de cada módulo, selecionamos uma determinada quantidade de textos literários nos mais diversos gêneros literários, a saber: poemas, crônicas, contos, microcontos, peças de teatro (fragmentos) e romances (fragmentos).

Além da finalidade literária, o material a ser usado nos Cursos permitiu a exploração de aspectos teóricos (com os devidos ajustes para não aprofundar mais do que o necessário). Assim, houve a preocupação de tratar de questões relativas à construção de poemas (rimas, estruturas, temas); aos elementos para construção de textos em prosa (temas, formas, parágrafos, enredo, tempo, personagem, espaço); à literariedade; à literatura regional e universal; à língua e literatura; à ficção e realidade; às metáforas; ao papel do escritor na comunidade e no mundo; à revisão de textos literários; à cultura literária; aos aspectos da produção literária local.

Todo este conteúdo, ministrado em Cursos com duração de 90h (com oito horas diárias), comportou as seguintes atividades:

- Atividade introdutória de leitura e interpretação de um texto literário de autor reconhecido pelo cânone literário local, nacional ou universal.
- Comentários acerca do gênero literário relacionado ao texto lido e de aspectos lingüísticos relevantes.
- Produção coletiva de textos com observações detalhadas acerca das técnicas de produção textual.
- Leitura em classe das produções textuais para discussão e ajustes, se necessário.
- Incentivo à produção textual durante e após o Curso, para que todos os participantes pudessem participar mais ativamente da vida literária e cultural de seu município.
- Orientação acerca de técnicas de declamação de poemas e de leitura de textos em prosa.

A avaliação acontecia ao longo de cada Curso e, apesar de não existir uma nota ou conceito final relacionado à qualidade ou quantidade de textos produzidos, cada um dos participantes, ao concluir um texto, recebia um parecer sobre sua produção e um incentivo para ajustar o que fosse necessário e continuar produzindo. Outro critério de avaliação

foi a participação na atividade de Culminância, momento em que todos tiveram a oportunidade de expor publicamente seus trabalhos produzidos. Esta atividade final foi acompanhada por um professor especificamente designado pela PROEX para registrar e comentar o evento.

Incluiu-se ainda na avaliação do projeto o conjunto total dos textos produzidos, que, uma vez reunidos pelo responsável de cada Curso, passaram por um processo de seleção para determinar quais deles deveriam compor uma publicação.

Portanto, esta *Coletânea de Textos*, que ora entregamos ao público paraense (e quiçá a muitos outros também), reúne produções textuais dos participantes dos Cursos de Literatura realizados nos municípios de Altamira, Breves, Cametá e Santarém, no ano de 2007, no âmbito do Projeto de Extensão Linha Literária, que fez parte do Programa Multicampiartes, mantido pela PROEX/UFPA.

Por fim, vale ressaltar que a maioria desses textos marca a estréia de seus autores no campo do fazer artístico e representam, mais do que o registro do esforço individual e coletivo de leitura e produção textual de duas semanas, um bom exemplo de que é possível, a qualquer pessoa interessada, ler e escrever com prazer, criatividade e competência.

Jorge Domingues Lopes³
Coordenador do Projeto Linha Literária

NOTAS

¹ Estabelecemos esta faixa etária como idade mínima para participar dos cursos, devido à necessidade de ler e discutir textos que exigiriam certa maturidade do leitor.

² Esses módulos foram definidos a partir do curso que já havia sido ofertado em cada município. Assim, determinado município receberia o módulo III, se, no ano anterior, ele tivesse recebido os módulos I e II.

³ Professor Assistente da UFPA, lotado no Campus Universitário do Marajó – Soure, onde ministra disciplinas de língua francesa, cultura francófona e literatura comparada; coordena um projeto de extensão ligado à leitura e à inclusão digital, além de atuar por 3 anos como colaborador no Programa Multicampiartes. E-mail: jdlopes@ufpa.br.

AGRADECIMENTOS

À Pró-Reitora de Extensão da UFPA, Profa. Dra. Ney Cristina Monteiro de Oliveira, cujo incansável e competente trabalho ampliou sobremaneira as ações extensionistas em nossa Universidade.

À Diretora do Departamento de Apoio Cultural e Coordenadora Geral do Multicampiartes, Profa. Msc. Adriana Clairefont Melo Couceiro, que coordenou com competência todas as etapas do Programa.

À Assessora da PROEX, Profa. Elizabete Nepomuceno Raiol Lopes, pelo gerenciamento eficiente do Programa Multicampiartes e auxílio aos coordenadores dos projetos.

Aos técnicos da PROEX, pelo apoio às atividades dos professores que ministraram os Cursos do Multicampiartes nos municípios.

Aos Coordenadores dos Campi Universitários da UFPA e aos Coordenadores da Extensão nos municípios de Altamira, Breves, Cametá e Santarém, que auxiliaram as atividades desenvolvidas em seus municípios.

Às Prefeituras dos Municípios de Altamira, Breves, Cametá e Santarém, cujas ações subsidiaram a realização dos Cursos.

Aos Coordenadores de Projetos das outras linguagens artísticas (artes plásticas, música e teatro) do Programa Multicampiartes, pela interação e colaboração não somente durante os Cursos, mas principalmente na organização das atividades de culminância.

Em especial, às professoras Ângela Sampaio e Maíra Carvalho, que colaboraram diretamente com o Projeto de Extensão Linha Literária ministrando os Cursos de Literatura nos Municípios de Cametá e Altamira, respectivamente.

The background of the page features several thick, light gray curved lines that sweep across the frame from the left side towards the bottom right. These lines are of varying lengths and curves, creating a sense of movement and depth. The overall color palette is a gradient of light grays, transitioning from a slightly darker shade at the top to a lighter shade at the bottom.

Parte I



Altamira



multicampiartes

Criação e Circulação das artes pelos Campi da UFPA

REALIDADE ENCANTADA

Andréa Santana Barriga

Brinco no mar da felicidade,
Onde meus brinquedos flutuam nas ondas da alegria
Vivendo uma eternidade.

O mundo parecendo uma bola de cristal,
Sempre mostrando os encantos da fantasia na vida real.

Não canso de olhar os pontinhos animados,
Passando no céu como eternos enamorados.

Acredito que todos os verdes da rica natureza,
Vão sempre encher o coração dos homens
Com o sentimento de beleza.

E quando a chuva sorrir, com certeza,
Toda poeira que compõe a tristeza irá se desfazer
Pelos braços da correnteza.

COMO CANÇÃO

Bruno Henrique Feitosa

O brilho das águas e o verde das matas despertam amores.
Sua beleza, natureza que sacramenta, em encantos e cantos,
Num encontro de cores e flores
Onde pairam todos os santos.

Ó esplendorosa, em ti um querer além do prazer
E em um querer uma reflexão,
Na reflexão, o desejo saciado ao ver
Ao ver nascentes, ao ver vida, ao ver paixão.

Paixão que surge do amanhecer ao escurecer
Preciosa Amazônia, aqui fico a indagar
De onde surge tão imenso desejo de te amar?

Ó grandiosa, em ti resplandece o entardecer
Fruto certo! Meu porto seguro, sereno e calmo
Que é o acalanto para o fundo de minh'alma.

CHICO CAÇA E PESCA

Francisco Cândido

Seu Chico era um homem muito bom, que fazia a diversão dos amigos, contando histórias de caçadores e pescadores, dois ofícios dos quais ele se orgulhava muito; demonstrava esse orgulho contando em detalhes muitos casos da própria vivência. Dizia ele:

— Oh, rapaz, ontem me aconteceu uma coisa muito estranha, que eu nunca tinha visto em meus quase trinta anos de caçador. Eu estava esperando lá na Serra da Muriçoca, por volta da meia-noite, já estava quase dormindo, quando ouvi um chiado na folha, longe... Mas aos poucos vinha se aproximando. Logo deduzi pela pisada que era uma paca. Já começando a pensar no próximo almoço, paca no leite de coco. E o bicho vinha que vinha. Então achei que já estava na posição de tiro. Armei a espingarda, arrumei a lanterna na mão, e foquei.

Quando vi a caça não era uma paca como eu tinha pensado, e sim um tatu. Então pensei bem e disse a mim mesmo, não era bem o que eu esperava, mas vou matar assim mesmo. Quando já ia puxar o gatilho, vi que o tatu subia pelo foco da lanterna. Cheguei a tremer um pouco de tatá surpresa. Fiquei sem saber o que fazer, não tive nem mesmo a ação de puxar o gatilho. E o bicho vinha que vinha, subindo, subindo. Quando ele já estava quase chegando na minha mira da espingarda, eu apaguei a lanterna e o tatu *puft* no chão.

Quando seu Chico contava essas histórias, as pessoas riam, cochichavam entre si, mas ninguém tinha o atrevimento de dizer que era mentira.

E assim ele levava a vida, fazendo muitas amizades, contando suas façanhas de caçadas e pescarias. Já tinha pegado até três traíras num anzol de uma só fígada, e assim por diante.

Um certo dia, seu Chico estava indo pela estrada com sua velha espingarda no ombro, de longe viu um carro parado à beira da

estrada. Quando foi se aproximando, um senhor bem vestido veio ao seu encontro lhe cumprimentando:

- Bom dia, senhor!
- Bom dia! Seu Chico respondeu.
- Estava caçando?
- Não, senhor. Fui ali ver uma espera.
- Você sempre mata umas caçazinhas, senhor?
- Sim, mato!
- Que tipo de caça o senhor mata?
- Ah, de arara pra cima, é o que parecer.
- E onça, o senhor já tem matado?
- Hum, onça? Matei pra mais de vinte; anta, mateiro, tamanduá, catitú já perdi até a conta.
- Então, o senhor é um bom caçador, não é?
- Sim, eu caço um pouco, modéstia parte.
- Mas o senhor sabe com quem está falando?
- Não, não sei não, senhor.
- O senhor está falando com o fiscal do IBAMA. O senhor está preso.
- E o senhor sabe com quem está falando?
- Não. Com quem?
- Eu sou o Chico caça e pesca, o homem mais mentiroso da região.

SEM RETORNO

Francisco Cândido

Ele passa, passa, passa. E eu aqui apenas observando e o sentindo na pele... E nada posso fazer.

A BAIANA DA COCADA

Francisco Cândido

Olha a cocada da baiana!
Pelas ruas via falando
Nas noites, na orla do cais
O público vai conquistando

Bacia solta na cabeça
É sua marca registrada
Todo mundo já conhece
A baiana da cocada.

Que anda, corre, pula e brinca
Rodopiando a dançar
Faz a sua propaganda
Pois quer sua vida ganhar

Com a cocada ganha o pão
Com elegância e simpatia
Esse encanto de pessoa
Faz da vida poesia

Simboliza Altamira
Também a orla do cais
Quem não conhece a baiana
Não conhece nada mais

DANÇA DO POEMA

Ivanete Paixão

Das profundezas do ser
Um mundo a sonhar
Palavras loucas, frenéticas
Na dança do poema
A entrar

Na confusão dos movimentos
Pares a se atirar
Verbos, adjetivos
Nomes a surgir.
Palavras livres
Construídas no papel
Na dança da imaginação
O poema é fiel.

Nos sonhos,
Realidades a trabalhar,
Poema, essência do homem
Símbolos a relatar.
Metáforas do mundo
Na roda da roda a rodar
Poema, arte da palavra
Vida a se transformar.

A TROCA

Janaína Maria Gonçalves

Os participantes do evento começaram a chegar. Primeiro os organizadores, uniformizados, sérios, com ar e compenetrado de quem não admitiria uma falha. Um sorriso satisfeito escapou dos olhos duros da organizadora-chefe. Nenhuma cadeira fora do lugar, os equipamentos estavam “afiados” e os papéis distribuídos meticulosamente. O público já chegava, todos bem vestidos, com sobriedade, lógico, pois o momento não era para roupas extravagantes, mas para um clássico discreto que fazia jus à situação. Saltos altos e maquiagem discreta completavam o figurino das mulheres que ali se faziam presentes.

Os palestrantes, homens e mulheres renomadíssimos! O ápice que se podia encontrar na intelectualidade paraense. Não se atrasaram nem um minuto. A abertura do mestre-cerimônia foi brilhante, o tratamento “magnífico” dado à figura central do evento traduzia toda a amplitude do que estava acontecendo.

Chegara o momento de o convidado especial falar. A expectativa era grande. A organizadora-chefe lembrou-se de apagar as luzes à esquerda para aumentar ainda mais a presença ilustre. Golpe de mestre, pensava ela, um efeito assim só era digno de uma pessoa muito perspicaz. Já preparava para os elogios quando assustada notou que mexera no equipamento. E agora, ela não sabia como lidar com este tipo de aparelhagem. Porém não podia demonstrar fracasso perante todo aquele público. Quanto mais ela tentava arrumar mais desajustado ficava o som.

Aos poucos às figuras ilustres vieram ao seu socorro. Cada cérebro premiado tinha uma solução diferente até que o som estragou de vez. Nada o fazia funcionar.

Nisso, surge uma figura humilde, calça descorada, camisa com floridos gritantes. Era o vigia daquele local. Com ar de modéstia pegou um fio, mexeu noutro e pronto, aparelho voltou a funcionar.

Por um segundo, houve nesse curto espaço de tempo uma troca de valores entre essas duas figuras. No olhar do vigia a organizadora-chefe viu refletida a sua pequenez e ice olhar da organizadora-chefe o vigia viu refletida a sua superioridade. No entanto, logo isso foi esquecido pelas palmas da platéia.

Na saída ela ainda arriscou um olhar para ele, no seu olhar ainda via um quê de vergonha, de derrota. Aliviada, constatou que aquele momento já havia se apagado do olhar do vigia. Ele tinha voltado à sua invisibilidade de vigia.

VOLTA

Janaína Maria Gonçalves

De repente o cheiro das memórias. Atormentando com o suor de sua gente. As luzes a prendiam, mas, ela precisava voltar.

MERGULHO

Janaína Maria Gonçalves

O rio banhava sua cabeleira negra. Longe, o marinheiro a via emergir das águas. De onde ela vinha? De todos os lados, só água!
O marinheiro mergulhou nas profundezas...

REFLEXÕES

J. P. Miranda

Um homem resolveu fazer uma longa viagem a pé , andou, andou, andou e andou nos primeiros dias ele não descansou andou sem parar.

No terceiro dia, rompeu a tarde caiu o anoitecer e o viajante já muito frágil e abatido pelo cansaço da longa caminhada.

O lugar era deserto de moradores e até mesmo de pessoas que pudessem ser encontradas. Já era noite adentro quase desesperado começou a exclamar: Meu Deus! Meu Deus! Me guie em direção a um local que eu possa dormir e descansar. Não andou muito tempo para chegar a uma casa a beira de um igarapé.

Ali ele parou falou de sua viagem ao dono da casa e pediu pousada.

O dono da casa olhou para o viajante com ar de homem piedoso e disse:

— Meu caro senhor, minha casa é muito humilde o senhor está vendo, eu arrumo o lugar para o senhor passar a noite só que o senhor tem que dormir no chão, a não ser que senhor queira dormir com Piaba e a Febeca.

O viajante pensou consigo:

— Eu não sou cachorro pra dormir com cachorro.

E disse ao dono da casa:

— Senhor muito obrigado! Eu durmo aqui mesmo no chão.

No outro dia por volta das 5 horas da manhã o dono da casa grita:

— Piaba, Rebeca levantam e vão fazer o café.

Piaba e Rebeca eram duas filhas lindíssimas do dono da casa. O viajante seguiu seu caminho refletindo consigo:

— Que má interpretação eu fiz!

E aprendeu a lição:

— Nunca julgar o desconhecido e nunca julgar pela aparência.

O PRESENTE ROUBADO

J. P. Miranda

Chegou ao terreiro com ar de alegria entrou no círculo, de repente suas lágrimas caem incessantemente. O presente que havia trazido de tão longe para aquelas pessoas, alguém lhe havia roubado.

DAS ALTURAS TE OBSERVEI

J. P. Miranda

Das alturas vi tuas ondas
Ondas mansas calmas a bailar
Das alturas observei tudo
Tudo quanto a te prestigiar
Tua paisagem verde e úmida
Isso me faz respirar.

Do alto muito alto
Muito longe avistei
Uma curva e uma ilha
Onde em pouco tempo cheguei
Em teus remansos e correntezas
Confesso que naveguei.

Do alto eu vi também
O famoso Golfo esperto

Que brincava como criança
Parecia fazer urna festa
Vi os barcos que iam pra longe
Também vi os que iam pra perto.

Vi uma grande embarcação
Toda de cor amarela
Crianças e jovens se banham
Também banha a linda donzela
Só tu, só tu, tem este poder
De deslizar-se no corpo dela.

Quantos barcos e canoas
Em evidente movimentação
Vão conduzindo as famílias
E transportando também o pão
Em ti eu vi a vida
De toda população.

Quantos prestígios tu tens
Porém o cego não vê
Eles planejam tua morte
Querem ver o teu sofrer
Eles só amam o dinheiro
Eles não amam o viver.

A ARTE DE PINTAR

Luana Ferreira da Silva

Pinta o céu, pinta o ar, pinta as paredes de colorido toda a escuridão que vê ao seu redor! Gustavo apelidado carinhosamente pela sua vovó de Tavinho, ele é muito especial e querido por todos da casa. Mas ainda assim se sente só.

Quando chega da escola, sobe correndo as escadas, joga a bolsa no chão, entra no seu quarto fecha a porta e deita! Sabendo que logo, logo sua mãe vai lhe chamar pra almoçar, ele deita e fecha os olhos.

Como já é conhecedor de cada detalhe do seu quarto, ele fecha os olhos e começa a imaginar! O seu cenário preferido é o teto, ali ele imagina tudo que se pode sonhar!

Pinta o céu, pinta o ar, pinta as paredes, pinta o mar, colori todo mundo, que antes de editar na cama consegue observar.

Ele vê o colorir da sua imaginação como uma forma de viajar, sonhar, se divertir com outros amigos, pois na sua imaginação ele tem vários amiguinhos.

Ele vê assim porque o seu irmão adolescente não lhe dá tanta atenção. A mãe briga com seu irmão para brincar com Tavinho de 7 anos, mas seu irmão contesta dizendo que já bem grandinho para brincar de carrinho.

Tavinho termina de almoçar, escova os dentes e diz pra mãe que vai deitar, deitar para dormir, mas na verdade ele vai imaginar, ele vai colorir, ele vai pintar.

Ele faz de tudo pra não dormir e começa a imaginar o seu mundo colorido!

FÊNIX

Luana Ferreira da Silva

Voou como um pássaro solitário e em nosso ninho me deixou.
Restaram na boca o gosto estranho da solidão e na cabeça, as
lembranças. Mas não importa, vou adoçar meu coração, viver a vida
e experimentar novas emoções!

A “LUA VERMELHA”

Marilene Nascimento Barrosa

Na montanha da cidade Fria.
A “lua vermelha” cobria o sol.
Do alto.
De onde se podia avistá-la;
Via-se a lua, cuspindo fogo.
A neve sumia.
Insegurança e medo surgiam.
Uma imagem que eu não via, imaginei passar;
Pelos olhos da cor de uma longa distância.
O homem lembrava a infância ou estava dentro dela.
Mergulhei na sua história e vi a “lua vermelha” que existe lá.
Sobre ou sob a água do rio que passava; agora víamos juntos;
A imagem de uma lua de neve. Retornamos!
Agora a “lua vermelha” ia sumindo com suas lágrimas de fogo:
Estendidas sobre a inocência.
Dorme pousada na montanha da cidade Fria, até acordar
novamente.

AMOR PRA TODA VIDA

Rogério de Sousa Januário

Certa vez, em uma cidade do interior do Pará nasceu uma bela menina de olhos cor-de-mel, cabelos que mais pareciam espirais de chocolate, caídos sobre um sorriso de princesa. Era bela e todos a adoravam e faziam de tudo para que continuasse com aquele belo e encantador sorriso nos lábios. Com o tempo a linda menina transformou-se em uma moça de traços tão encantadores como os da menina de outrora. Os carinhos para com ela continuavam, só que agora já havia outros olhares os quais ela desconhecia. Toda a sua beleza e meiguice despertavam sentimentos profundos em dois colegas de escola.

Por ter olhos bem castanhos e cabelos ondulados, a essa menina foi dado o nome de Flor de Mel, carinhosamente chamada de “Mel”. Mel não sabia que despertara algum sentimento maior que o de amizade, para ela todos eram seus amigos e nada mais. Mas, os dois moços já citados tinham uma coisa maior por Mel que urna mera e bela amizade. Eles não se contentavam apenas com essa amizade, isso era muito pouco para o que eles sentiam. André, o primeiro a sentir-se atraído pelo campo gravitacional de Mel, era muito tímido e não ousava em nenhum momento explicitar esta emoção, este sentimento. Ele preferia ficar ao lado da amada, sem maiores exposições de suas pretensões, queria ganhar seu coração pelo convívio, com sua presença e carisma. E estava dando certo. André passava horas e horas ao lado de Mel na escola, no parque, no base, novamente na escola. Ele já se julgava quase que com a coração de Mel em suas mãos, ela o tinha como alguém da maior importância em sua vida.

Porém, depois das férias do meio do ano, seu céu desceu, até as profundezas da terra num simples estalar de dedos. Um novo aluno, não apenas mais um novo aluno, mas alguém que acabaria com a tranquilidade de André. Logo de primeira, fitou os olhos nos olhos de Mel e de imediato pôs-se a cortejá-la. Isso era o fim para

André, acabará de ganhar um rival. O seu nome era Paulo, para André, o inferno.

Paulo ocupou de tal maneira as ações de Mel, que André já não encontrava maneiras de ficar ao lado da amada, era sempre esse novo aluno ocupando o lugar que um dia foi seu. Já não podia mais encontrá-la nos mesmos lugares de sempre, pois Paulo a convidava para outras coisas, ocupando-lhe todo o tempo. E agora André, pensativo, pergunta-se o porquê de isso ter acontecido, e nisso lembra que a primeira palavra de Paulo para Mel foi “você muito linda”, coisa que André jamais ousara falar diretamente a sua musa.

Tomado de um ciúme ardente e incontrolável, André prepara uma primeira e única tentativa de recuperar sua amada. Parte para o ataque e vai ao encontro de Mel e Paulo sentados do lado de um lago, conversando e rindo, com as mãos dadas e acariciando-se. Não agüentou ver aquela cena, pegou Mel da mão de Paulo, trouxe-a para seus braços e desferiu-lhe um beijo ardente, profundo, apaixonado e medrosamente tremido como o resto de seu corpo, terminando com uma única e singela frase dos lábios trêmulos: “eu te amei quando criança, te amo agora e te amarei pelo resto da minha vida”. Após isso, André soltou Mel e saiu em disparada, deixando para trás, imóvel, um rapaz confusamente no envergonhado e uma moça imóvel, suspirando e emudecida.

DOMINGO ROLA

Rogério de Sousa Januário

Eram seis da tarde, eu já estava saindo, rolou novamente. Não tinha mais forças, me seduzia. De um lado para outro, para cima e para baixo, eu não deixava de contemplá-la. Exausto levantei ao seu encontro me desloquei, todos a queriam, apenas eu a tinha com zelo. Desfilei com ela entre todos, deixei-a descansar lá no fundo. Vibrei com aquilo e fui embora, já eram sete horas.

PAISAGEM

Rogério de Sousa Januário

Verde te olhei,
no teu verde me entreguei
Em seu verde amarelo vi
em amarelo o teu verde florir

Bebi, do teu azul me embebi,
Caí, em azul me engoliu,
de azul molhei a mim
quase cru óbito, de se: azar no saí.

Olhei para cima eu olhei,
não sei o que vi,
se era o branco ou o azul,
não sei porque caiu o teu véu.

Para teu verde olhei
no teu amarelo brotei
em azul me derramei
e no teu marrom eu caminhei.

DOCE TATUAGEM

Simone Tontini

A força que vem de ti
Perpassa pelo olhar
E meu porto seguro
Onde irei ancorar

Palavras tão simples, tão doces
Que vem do íntimo do coração
Me surpreende avidamente
De tão temas que são

Acalanto-te em meus braços
Com amor e com paixão
E observo em teu sono
Uma aura angelical

Tens sabedoria infinita
Que dos céus recebeste
Porque sempre meditas
Com ternura celeste

Quero a cada momento
Rememorar-me de ti
Tu és meu porto seguro
Onde belos momentos vivi

Que a sabedoria possa te levar
A um bom caminho percorrer
Iluminada pela justiça
Guiando-te sempre o viver

Onde quer que eu esteja
Com você sempre contente
Dos momentos vividos
Lembrarei eternamente

Pois foste para mim
O estímulo e o determinar
Por isso meu amor por ti
Tatuado em meu coração está.

O RIO XINGU

Tatyene Lima Santos

A vida de um rio
Renova-se a cada instante
Fazendo vale a vida
Das pessoas que dele vivem

E quando dele se inspira
Faz mergulhar
Na vida que nele existe

Na vida de um rio
Há vidas sem cessar
Peixes, plantas, homens.
Vivem deste lugar

No rio Xingu me entregar
E na sua beleza viver
Pra sempre contemplar.

SONETO 1

Valmir do Nascimento Sousa

Sonhar é esperar o amanhã,
É caminhar ao estar dormindo,
É navegar em nuvens de lã,
É viver eternamente sorrindo,

É sentir o sabor de uma romã,
É estar retornando, sem estar partindo,
É sentir a tranquilidade do divã,
É contemplar a chuva caindo.

É ver muito além da escuridão,
É sair em busca de algo que não chegou,
É compor, cantar uma linda canção,

É imaginar que o sonho acabou,
É libertar-se da triste escravidão,
É amargurar meu pobre coração.

PÁPULAS

*Ivanete Paixão, Juarez Gomes
Leandro da Costa, Leniene Silva
Maria Mailete, Sheyla Maria Rocha*

Olhos verdes, cabelos loiros, corpo bonito, estatura mediana, pele sedosa, um ser aparentemente perfeito. Difícil não ver.

Todos os dias, era a mesma coisa: os atrasos se repetiam, as faltas eram constantes, os trabalhos não chegavam. Sua vida era uma festa — pensava eu. Via naquele corpo bonito a explicação para tal comportamento, pois isso não ouvia as justificativas que em vão ela um olhar inibidor, duro, frio. Achava que ela iria usar sua beleza para me seduzir e se dá bem sem fazer esforço. Assustada e com a aparência triste, ela não reagia às minhas imposições. Se recolhia ao canto, cabeça baixa, olhar vago e triste para o chão. Sentia-me feliz por conseguir contornar seus movimentos, pois ela não arriscava olhar nos meus olhos. Parecia um pinto frio perdido da mãe.

Um dia, porém chegou cedo o que não era habitual e sentou-se no lugar de sempre, cabisbaixa. Isso me chamou a atenção e com ar irônico perguntei-lhe se havia caído da cama. Ela retraída não levantava o olhar. Foi então, que aproximei e pela primeira vez iniciei um diálogo. Na breve conversa, pude perceber em sua voz trêmula, um saber diferente do que eu esperava. Estava enganado. Como poderia ver e não ver.

Vi nos dedos daquela moça, pequenos adesivos. Curioso, perguntei-lhe o porquê deles. Ela, com voz rouca e um tanto fraca, disse-me que era diabética e mostrou-me a barriga que estava cheia de pápulas. Então, explicou-me que, às vezes, faltava às aulas por motivo de ter que ir ao hospital e se submeter ao tratamento contra a sua doença. Senti um medo de mim mesmo. Agora eram seus olhos que me assustavam, me coíbiam não que ela me olhasse assim, mas porque me via refletido assim. De súbito, voltei à frente da sala e tentando disfarçar meu nervosismo, iniciei a aula e não conseguia olhar para aquele lindo rosto que naquele instante estava a brilhar.

The background features a light gray gradient bar at the top. Below it, several thick, curved, light gray lines sweep across the page from the left side towards the bottom right. The text 'Parte II' is centered in a black serif font.

Parte II



Breves



multicampiartes

Criação e Circulação das artes pelos Campi da UFPA

VIDA MORTE

Edney Prata

Vida,
que me empurra
no abismo da sombra,
presa do mal
que viaja sem volta.
Espada do mundo
que me tira a voz,
homem inocente
que beija a morte
sem conquistar
seu ideal.

Rei que julga
o pecado,
o líquido sangrento
que faz destino
água correr na
veia do medo.
O culpado corre
e tu o abriga,
o inocente vento
grita no escuro sem fim.
O arco-íris sombrio
clama por justiça,
mas tu o afogas
no lixo.

A morte canta em coros,
tu tapas os ouvidos,
come o fruto pobre

e nem percebe.
Sugas o poder
usando o oprimido,
mas é cego quando
não oprime a injustiça
de tua coroa.

O animal,
deu a vida morta
que alimenta o mendigo
na escuridão
da luz que
não se apaga.
Já que a pobreza
se perde no
infinito do mundo,
criança.

A morte
apaga a guerra
que cozinha no
frio
a estrela que passa
no horizonte sombrio
é a face do mendigo-bicho.

CAMINHOS

Edney Prata

Transpira ar pela encanação do mundo,
teu nome naufraga navios
inocentes, pessoas que em ti
banham, mas não flutuam.
Se perdem como peixes
na profundidade de teu mito,
histórias de grito sem volta
te assombram, na onda
que revela tua surpresa
peixe-morto.

Tua insana fúria corrente
água mostra tua pessoa
no fundo sangue negro,
as feras brincam diante
tua floresta do mal que
afunda teu escuro no poço
sem volta.

Águas claras do bem viver
que viram minha canoa boto
quando não sei nadar.
Teu veneno me sacia,
mas fere meu corpo
que flutua no claro
destino esquecido.

O pobre homem que
te pesca os peixes
percebe teu medo azul

que te veste no inferno claro.
Teus anjos olhos que me enganam
na traição celeste do céu
pecado homem.
Fonte que dá vida traz a morte,
revela nele meu sol destino.

Quando viajo sem alma,
para teu céu lago
que me prende no rio
velório de teu cemitério.
No poço da morte desconhecida,
o rio me abraça em
suas águas traiçoeiras
que afogam o cão vira-lata
quando não sabe latir.

SONHO PERDIDO

Edney Prata

Pista vazia. Lembrança passada do homem que vaga, lentamente, pelos olhos cegos do estreito corredor da noite. Tigre inocente que fura a espada com a vida, eterno gavião que soa seu grito noturno, trás a vitória do fracassado.

No quarto fechado, flutuo em espuma nas asas da imaginação, no fundo da canoa seu limo escorregadio, na porta da sombra o sonho que não reluz, na rua vazia o fogo devasta o cego mudo e o surdo coxo que não fugiram do pão destino. Viajo até a cidade deserta no navio fantasma que atraca no porto dormente. Morre meu prefácio

que se estende na varanda escura de minha casa, louça que água não lava molha o chão sem lavar seus pés.

Na porta, cão mendigo que ladra de frio, fome, tormenta que agoniza o pobre homem guerreiro. O soldado parado olha a noite se vestir de glórias, a batalha terrena vence alegre tristeza, o veneno doce algodão que corta meu sonho quando a noite não vem. Na escola, matemática sonho que soma a vida e diminui o tempo, divide o destino e multiplica o passado. No cassino, o baralho se perde no círculo da mesa, onde homens jogam ali sua vida, apostando seus próprios sonhos. A cidade cai a cada grito da lua.

Cálculo por cálculo resumo meu sonho perdido no lento barulho da campainha. O sonho se faz na guerra dos mortos, o rei sai vitorioso sem cessar sua espada da cidade oprimida. Em casa, a cama me acolhe, o sol quer iluminar meu sorriso, mas até o ladrão se esconde na noite.

Sonho, sopa de letrinhas que acaba, mas ao fogo continua seu preparo para ser saboreada enquanto a cidade ronca em sonhos profundos.

RIO DOS SONHOS

Francisco Jocely Oliveira

Teus navegantes te cruzam
Líquida esperança de um sonho
Que os conduzem a um labirinto deserto
Tuas procelas de angústias, que
Nos inquietam a alma, mas
Abrandam nosso navegar
No teu peito chão cristalino
Tantos te cruzaram e fizeram

Histórias, obtiveram glórias.
Outros, porém, tornaram-se
Náufragos dos seus ideais.
Mas ainda deságua esperança
E o teu navegante não desiste
Segue as rotas do teu murmurar
Sem saber a que destino fundear
No frenesi das ondas, tuas mãos
Acalmam o barco do sonhador.
Tuas fontes de esmeraldas
Se convertem em pedras de dilúvio.
Tuas correntes, bússolas a nos
Transportar a um vasto porto.
Porto que nos faz seguir o fragor
Do silêncio eterno do teu navegar.
Tua foz desponta horizontes
Apontando o nosso sonhar
Riachos que formam pontes
Passo a não haver fronteiras
Correnteza que me fortalece
No pelejar sem trégua e furor.
Tuas marés a se contraporem
Aos meus pensamentos. Navego...
Teus desejos transbordam
A nossa vontade e o querer
Inundam os nossos ideais
Às vezes cego e a ermo
E tuas águas transformam-se
Em leitos de ansiedade
Que alenta os navegantes
E descansa o meu prazer
Me adormeço nos teus braços
Me refugio em tuas águas
E tão somente o meu infinito
Porto de sonhos, meu rio.

BERÇO ITAPEVA

Francisco Jocely Oliveira

Litosfera bucólica para os meus sonhos lúdicos.
Castelo de Itapeva: fortaleza para a inocência de
um rei, e abrindo a cortina do dia, saudando o
sol, berço da aurora para as minhas travessias.
Penas na cabeça, rosto de urucu e, em punho,
clavas inatingíveis, e eu a me esconder em suas
ocas, a refugiar em outras tabas, fui curumim, fui pajé.

Tuas itas bem definidas, pelas mãos da natureza,
sob águas petrificadas, em submersos
Itatibos da minha quimera, a emergir os meus
anseios. Anseios de passear numa canoa de
encantos sem saber aonde ir... Conduzido pelo
manso vento menino, até chegar à margem
das tuas traquinagens.
Estavas ao redor das praias, sob o
frio das florestas onde eu nadava até tocá-la
e eufórico dizia – Achei! Achei! É imensa,
e tão repleta de limo, abundância.

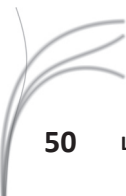
E assim eu construí a minha infância
tecida com sonhos de pedras, meus campos sólidos
com a ingenuidade a pairar meus itinerários
ornamentado com flores de itas onde meus pés
caminhavam e exclamavam: Itapevas! Tuba!
Pedras sensíveis que me deixavas obrigar-me e brincar-me.
És um legado eterno do tupi-guarani,
tens itas em tubas, e assim, era o teu cenário
para o meu olhar de criança.
Pérola rara que guardo como relíquia no meu coração,
oriundo de ti, Itaituba.

QUANDO ÉS PRESO

Joelma Brasil Farias

Quando és preso, choras
Ainda dizem que cantas
Padece a cada dia na sua profunda solidão.
Sonhando tantas aventuras
Cântico aflito, grito de liberdade
Quando és libertado, corres para o teu lar
de imensa vastidão.
É só assim que vives feliz, longe
Daquela grade que te prende a alma.

Noite sombria e fria
Um deserto de infinita escuridão
Onde o silêncio impera
Clarão do luar, fria e gelada
Gritos reprimidos
Revelando o mistério que
Madrugada esconde.



PELO RIO

Manoel Lenilson T. Santos

Rio
Tuas águas
Fios de esperança

Tuas fazes
Sístole e diástole
De um pulsar de emoções
De pensamentos e tormento
De fascínio e desencantamento
De vida e de morte

Rio
A lua em ti
Vem repousar
Encantando a todos
Noite de luar.

DESEJO

*Márcia dos Santos Balieiro
Joelma Brasil Farias*

Pedro estava em uma festa no Papydance, sozinho e distraído. Quando, de repente, ele parou e avistou uma linda mulher, era uma Juliana Paes: lábios carnudos, cabelos longos e vermelhos, usava minissaia rodadinha. Então, ele resolveu convidá-la para dançar. Ela aceitou. Começaram então a dançar aos embalos do tecnozouk.

Seus movimentos, aos poucos, se tornaram envolventes: suas mãos deslizaram, seus corpos, suas coxas se entrelaçaram; ele a apertava contra o peito e ela obedecia a todos os seus comandos, rebolando maliciosamente até o chão.

Nesse momento, seus pensamentos pareciam se comunicar.

Ele imaginava que beijaria a sua boca, tiraria sua roupa peça por peça, morderia todo seu corpo, sussurraria palavrões ofegantes em seu ouvido e a penetraria fazendo-a sentir prazer.

Ela também imaginava como seria gostoso arranhar todas as suas costas, lambe todo seu corpo, fazer amor com ele no capô de um carro no meio da rua deserta.

De repente a música parou e cada um vai para um lado, sem ao menos se apresentarem.

ARATICU

Marcilene Araújo Silva da Costa

Tua infância se perdeu
embrulhada
na terra.

Tua adolescência criou
asas de marreta
e voou ao chão,
até chegar no jardim
florido de pedras
que choram.

Até o meigo monstro,
Gigante sentinela,
foi traído pela
terra mesquinha,
tropeços em suas
garras e fechou os
olhos no chão quente
e morto,
levando consigo a
clorofila do amanhecer
e histórias que muito diziam
de personagens mudos.

Quem te pinta,
não usa tinta
e nem pincel.
Usa o som da nostalgia.

De mármore,
cimento e madeira,

tuas malocas
foram reconstruídas.
Ganhaste coroa feito ondas.
Criaste ares de realeza.

O rio que te banha
já esbanjou espaço
para correr,
e batia palmas
junto às crianças
no crepúsculo.

Para ouvir as conversas
de tuas gerações,
a lua ainda surge cantando
e repousa serena
nos tímidos bancos,
embelezando muito
mais tua modesta morena,
vestida de verde,
adornada com iguarias
e maquiada com
sombra amarela.

És charmosa e
dormes sob o leito
de água maradoce e turva,
Pira, que envolve
com prazer os
olhos de criança.

Tua Tortuosa mão
dedicada,
abre portas
para teus filhos

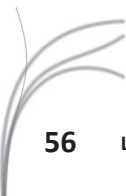
e estranhos
descobrirem o segredo
explícito dos teus
encantos,
E o medo que
tens do olhar
cego e do amor
indiferente.

RIO

Marcilene Araújo Silva da Costa

Guerreiro de
águas que
firma os pés
da fome.

Testemunha
amordaçada
em teu leito,
amantes se
embriagam,
salivas umedecem
fogo,
olhos bebem
desejos.
Sob ti,
o amor, mergulhado
em tuas marés
arde em chamas.
Segues cavalgando
sem tropeçar
nas curvas.
Súbito.
Risonho carregas
o tronco que te fere,
alga faminta que
se alimenta de
tua seiva.



BICHO-PAPÃO

Marcilene Araújo Silva da Costa

Nervosa e agoniada, uma mãe tentava acalmar seu filho balançando-o no colo.

O menino gritava, dobrava-se para trás, puxava seu próprio cabelo com agressividade. A mãe dizia:

— Não fique assim, filhinho. Me diga o que você quer.

A criança empurrava o peito da mãe com as duas mãos e bradava um longo ai.

A mãe pegou o chocalho, jogando-o ao chão. A mãe pergunta:

— Me diga onde dói, meu bem.

Já não tendo opções, a mãe pegou a mamadeira e forçou o bico na boca do menino dizendo:

— Tome o mingau, fique calmo senão vou perder a paciência.

O menino cerrou os lábios, trancou os dentes, fez cara de mau e escondeu o rosto no ombro da mãe. Irritada ela disse:

— Estou perdendo a paciência e vou chamar o bicho-papão.

Essa afirmação fez o menino gritar ainda mais, mostrando pavor. A mãe gritou aborrecida:

— Bicho-papão, pega ele!

A porta se abriu e, então, ouviram-se passos lentos e firmes. A criança levantou a cabeça e a mãe falou:

— Não disse que o bicho-papão vinha te pegar?!

O menino fica parado, soluça sentido. Seu corpo aos poucos vai relaxando, então, ele abre os braços, se empurra do colo da mãe e, entre sorriso, balbucia:

— Pa... pai!

PARTIR

Marcilene Araújo Silva da Costa

Ele partiu, levou consigo o olhar de Beatriz, as marcas dos seus beijos e uma lágrima escondida na mala. Ela ficou, sentada na escadaria da escola, revendo as fotografias e escrevendo poemas de amor em seu caderno de português.

DESPEDIDA

Maria da Piedade Benchimol Serrão

Subiu a escada do casarão. Pisou o último degrau já com as pernas bambas. Parou, então, e olhou a porta entreaberta. Deu passos lentos e cansados. Caiu. Ouviu apenas o ruído das vozes que passavam. A moça chegou. O avô ainda respirava. Despediu-se apenas com um aperto de mão.

RIO

Maria das Graças Santos Leite

Na esmeralda das águas
Me levam gigantes afluentes
Teu líquido sangrento
Embranquece minhas vestes

Lanço minha arma,
Até o fundo mais fundo
Para deliciar-me com teus rebentos.

POR TI

Marlene Marques Barbosa

Em tua fala rápida
Confunde o sentimento
Dos desesperados
Na tua delicadeza mórbida
Descobre o rosto
Encoberto com o réu
Sem pressa
Arranca a inocência da menina
Empurrando-a a uma totalidade dolorida
Levando de si o desalento
Nada podes fazer
Senão seguir
Sem pensar em contentamento
Incomodas com a verdade silenciosa
Exposta a muitos agrada
Por outros passa despercebida
E há aqueles que desejam que não exista
Bom que exista
Torna a tristeza
E a solidão acompanhada
O vazio preenchido.

O SONHO

Marlene Marques Barbosa

Ele caminha à noite, numa estrada de canudos coloridos, quando olha e vê o sol embaixo da árvore. Amedrontado, corre em direção ao poço, no fundo encontra apenas uma cama onde um candelabro deita para descansar e tenta apagar a vela. Seu corpo se desfaz batendo tão forte o seu coração que acorda e percebe que continua deitado, personagem de um quadro que fica no centro da sala em uma tormentosa noite de inverno.

Tenta sair do quadro atravessando o grande portão, agarra-se ao ar em uma grossa corda trançadeira, acorrentado por uma âncora no canto como se fosse um barco à deriva e pensa — Desamarro esse laço de cetim? — Faminto come a fita que tem gosto de frango. Exausto, resolve subir à imensa escada de geléia para chegar à sua casa de papel construída no topo da nuvem, porque é lá que chove mais e ele quer aquecer-se junto à lareira de plástico existente em seu lar. Senta-se na cadeira de pluma, pega um livro e é levado pelo peso dos leves poemas.

APENAS UM REFLEXO

Marluce da Silva Moraes

Sério, diante do espelho, cercado por uma enorme falta de si mesmo, o homem contempla a própria imagem. A vida deslizava por ele como tudo o fizera sempre, o tempo morria como o seu olhar que por nenhuma distração entristeceria. Lembrou da infância, nos altos de seus pensamentos, os olhos verdes da primeira namorada, o buquê de rosas vermelhas que ficaram atiradas nos braços de alguma esquina sem alma e sem coração. O reflexo estaria ali, impecável, dissolvendo o homem. O homem embriagado pelo reflexo continuava sua caminhada, trilhando lembranças.

EMBALOS E TONS

Marluce da Silva Moraes

Quero uma canção que pertença aos corais
E uma outra de amor perdida na areia
Uma melodia que embale a maré cheia
E não deixe o meu amor secar

Quero tocar uma canção nos fios da lua
Que desembarace as folhas das mangueiras
Refrescando os sonhos e maneiras
De amar os tons do meu lugar



INSPIRAÇÃO

Nilzete Souza Nogueira

Inspiração é teu fogo que mata teus sonhos azuis. Morres. Os teus encantos que falam ao mundo tua luz. Sorri com teus embalos que têm tuas linhas tortuosas. Banha-me com teu calor e mostra-me todos os sonhos que tens guardado em teu jardim, perfuma-me com teu cheiro e me envolve no teu dia, sonhador, deixa fluir teu mistério e me envolve em teu sorriso. Lindas são as tuas manhãs verdes que me envolvem e te deixam tão estrelado. Fluem tuas águas em minha memória e faz dela o deserto de tua moradia. Aquece-me com tua clareza e deixa os outros verem o fluir de tua madrugada.

A NOITE

Nilzete Souza Nogueira

Quando entrei em casa vi meus pais, meus irmãos e meus filhos em sono profundo. Desci ao porão, ouvi vozes e vi vultos pairando sobre mim. A casa parecia tremer e as paredes pareciam falar. Comecei a andar e lembrar que eu os fizera adormecer. O silêncio me dizendo coisas que me faziam voar. A solidão tomou conta da casa e eu agora sou o canto do pássaro na árvore, frustrando as paredes com seus gritos. O vento parecia queimar meus cabelos com seu fogo sobre mim. A noite vem sobre mim e os gritos aquecem minha alma, quando sinto que estou no fundo de um poço e grades cobrem meu suspiro. E tudo parece ser apenas ondas relevantes, móveis gemendo na árvore que flui. Então comecei a tocar meu rosto e a água a congelar meu corpo. Subi a escada. Fui até o meu quarto onde tudo parecia um mar. Abri a janela e ouvi as ondas da brisa tocar meu rosto. Então chorei, ao ver a morte sobre mim.

BORBOLETA

Nilzete Souza Nogueira

Ele lembrou do mover de suas pernas que pareciam ondas azuis e ficou sentado com lágrimas a correr pelo chão; não viu que ela estava voando no portão à espera daquele menino que ganhara seu coração.

VIAGEM A BELÉM

Waldemar Daniel Coimbra Dias

Gaia, ex-militar um tanto quanto neurastênico, estressado, rabugento, em decorrência de sua passagem pelo exército, tem mania de grandeza, de conforto e luxo, apesar de não ter condições para isso.

Certa vez, ao viajar de navio para Belém, foi bem cedo para o porto a fim de conseguir um lugar bem confortável para atar sua grande rede amarela. Quando um passageiro se aproximava dele, cuidava logo de pedir que se afastassem mais um pouco, pois queria ir bem confortável.

— Quem? Eu? — perguntou dona Maria.

— Sim, a senhora mesmo, quer colocar a sua rede mais afastada da minha, não quero ninguém perto.

— Por quê? O sinhu tem alguma duença cantagiosa?

— Claro que não, mas eu chego bem cedo que é pra pegar um bom lugar e ir bem sossegado.

— É o seguinte, meu sinhú: se o sinhú qué sussego acho bom ir de camarote, porque eu vô amaré a minha rede aqui mermo...

— Não faça isso, aqui não!

Neste momento, chega um tripulante e diz:

— O que é que tá acontecendo?

Gaia se antecipa como no quartel e fala:

— É esta senhora que quer armar a rede dela quase em cima da minha, e tem um lugar mais ali ao lado, ela pode atar lá.

— É, minha senhora, me dê aqui a sua rede, que eu vou armar lá e acaba a confusão.

Dona Maria, muito chateada, sem falar mais nada de tanta raiva que estava, entregou sua rede ao tripulante que a atou no lugar indicado.

O barco saiu. Ao chegar a Curralinho, local onde embarcam novos passageiros, um vucovuco de gente querendo atar sua rede, seja lá onde for. Basta uma brecha que eles amarram as redes sem se importarem com quem esteja ao lado, em cima ou embaixo, e não tem reclamação que dê jeito.

Nisso, dona Maria, que estava acordada, ficou se divertindo ao ver que ataram tanta rede ao redor da do Gaia que não dava nem pra ele se mexer; e ela só sabia que ele ainda estava lá entre as redes, devido ao amarelo que refletia com a luz ligada. Ela então disse:

— Toma, filha duma égua! Agora reclama...

The background features a light gray gradient bar at the top. Below it, several thin, curved, light gray lines sweep across the page, creating a sense of movement and depth. The text 'Parte III' is centered in a black serif font.

Parte III

The background features several thick, curved, light gray lines that sweep across the page, creating a sense of movement and depth. The lines are most prominent on the right side and bottom, curving upwards and inwards.

Cametá



multicampiartes

Criação e Circulação das artes pelos Campi da UFPA

AO MEU REDOR

Alcione Moreira da Silva

Um lugar mágico e assustador...
Queremos
Que tirem dele a escuridão.
Consigo a leveza de um simples olhar
Ao meu redor.
Me desespero!
Uma louca agonia pálida.
A noite fria
A chuva
O suspense.
Todos gritam.
Só ouço gritos!
Não há esconderijos para ninguém.
Há uma palavra difícil
Há algo inexplicável
Onde a dor prevalece
Em primeira instância.
Estou cansada!
No momento, o vazio aumenta.
Caminhando, percebo
Que ele faz aquilo
Que eu queria
Relaxo, imagino novamente a cena
Depois começo a pensar...
As pessoas têm que nascer
E sempre voltar...
Talvez porque somos todos iguais.
Sem amor, sem carinho
Completamente só
A vida parece monótona.
Quero companhia?

RENASCER

Alexandra Baia

Na solidão da noite
Sonhos se vão...
A escuridão sombria
Traz todo o sofrimento.
A solidão atormenta o pensamento
Levando todo o encantamento
Que derramava alegria.
Como o primeiro ovário do dia
Com tamanha emoção, sonho, canção
Insisto em permanecer
Em meio ao vazio.
Insistência, determinação
Faz tudo nascer
E tornar-se mais belo que o dia...
Há fé... crença... esperança...
Que renasce
Em seu sorriso de criança.



OBRIGAÇÕES E LIBERDADE

Alexandra Rodrigues Baía

Sara era uma menina que morava em uma pequena vila em meio ao verde exuberante da floresta amazônica. Um lugar ainda não destruído pela mão humana. Ela era apaixonada pelas cores da natureza e próximo a sua pequenina casa havia um campo florido, onde habitavam belas borboletas e se podia ouvir o canto dos pássaros. Sara não gostava da rotina de acordar bem cedinho para pegar o ônibus e ir todos os dias para a escola que ficava longe do lugar em que morava.

A sala de aula lhe sufocava, parecia uma prisão, enquanto lá fora o colorido do dia lhe chamava para brincar. Ela preferia correr em meio ao campo florido, sentindo no rosto o vento e a liberdade lhe levar. Ao chegar da escola, a mãe lhe chamava para almoçar e mais tarde para ir à roça ajudar os pais. A única coisa que desejava era ser criança, mas a menina tinha muitas obrigações.

Olhava as árvores, o campo florido, o igarapé, as belas borboletas e todo o colorido a sua volta, mas não podia sentir a liberdade daquelas borboletas e pássaros que via voar. Tinha que ir para a escola, almoçar e trabalhar na roça. todos os dias era essa a rotina de Sara.

Ficava contente quando se aproximava o fim de semana! Então surgiam outras obrigações, como ir às aulas de catecismo, à missa aos domingos e às visitas a algum velho parente que morava longe. Era filha única seus pais eram muito humildes e religiosos e Sara tinha que os acompanhar para toda parte. Escutar conversa de adulto, ter obrigações de adulto, se comportar como adulto! O mundo adulto era muito complicado! Para ela, a felicidade estava nas coisas simples e belas que a natureza lhe oferecia...

Um dia, ao acordar cedo para ir à escola, não pegou o ônibus como de costume. Escondida dos pais, foi embora para o campo e lá encontrou Lucas. Ela pensava:

— O Lucas é que é feliz! Não tem que acordar todos os dias bem cedo, ir para a escola e trabalhar na roça. Lucas é livre! Não tem pais que lhes imponha obrigações e mais obrigações... Mora com a avó!

Sara e Lucas brincaram e se divertiram o dia todo! Quando sentiram fome apanharam frutas. Sara pode ser completamente ela. Pode experimentar a liberdade como nunca tinha experimentado, a não ser em seus pensamentos. Porém o dia estava terminando, a noite caía tristemente levando consigo todo o encanto daquele dia. De repente, Sara pensou em seus pais, em suas obrigações e em como explicar o seu desaparecimento. Desejou sumir ao pensar no castigo e na bronca que iria levar e dividiu sua angústia com Lucas. Lucas teve uma idéia e disse a ela:

— Diga a seus pais que você...

Mal o menino havia concluído o seu pensamento, Sara escutou uma voz que aos poucos se aproximava. Era seu pai que ao vê-la, não a pegou pelas orelhas como ela havia imaginado. Muito pelo contrário, ele a abraçou de felicidade por tê-la encontrado a salvo.

Os pais de Sara acabaram compreendendo o seu sumiço e daquele dia em diante a menina passou a ter obrigações e liberdade de criança.

O BILHETE PREMIADO

*Andréa do Socorro Batista da Silva
Milier Sarnes Trindade*

Certo dia, encontrei um senhor alto, moreno, cabelos brancos e olhos castanho-claros, com boa aparência, que me ofereceu um bilhete de loteria. Perguntei a ele se o bilhete era legalizado. Ele disse:

— Sim, com certeza!

Então, resolvi comprá-lo e perguntei quanto custava o bilhete. Ele respondeu:

— Não custa nada!

Logo fiquei intrigada com a ação do senhor. Ele percebendo a minha reação, disse:

— Não fique assustada! Gostei de você, por isso resolvi presentear-la com este bilhete.

Agradei a ele e fui embora pensando no sorteio. Ao chegar em casa guardei o bilhete em uma gaveta junto com os demais papéis que existiam lá dentro. Ao ligar a televisão para assistir a novela, me deparei com uma cena em que o ator era justamente o senhor que me deu o bilhete. Fiquei surpresa com a coincidência, mas não dei tanta importância ao bilhete.

No outro dia, passei em frente à casa lotérica que fica próxima à minha residência. Então resolvi conferir os números. Para minha surpresa, o bilhete estava premiado! Resolvi procurar aquele senhor que tinha insistido para que eu ficasse com o bilhete. Fui até a emissora de TV que o mostrou no horário nobre procurar informações, mas não encontrei ninguém que pudesse confirmar a existência daquele senhor. Até hoje, não o encontrei para agradecer. Mesmo assim, continuo procurando por ele.

SAUDADES

Benedito Barbosa Bacha

Saudades...
Tudo decorre na mais perfeita calma.
A solidão me acompanha
Invade o peito.
A vida parece não encontrar
Motivo para existir.
Tudo é triste e vazio...
E a saudade?
A saudade é imensa e incessante!
O meu tudo se transforma em nada!
A vida se resume em nada...
Somente há saudade...

PAZ

Carla Lorena Pinto Ladislau

No instante de paz
Uma viagem nos sonhos.
Uma brisa leve conduz
Uma folha a flutuar no grande oceano.
O azul e a imensidão me acalma!
O silêncio surge do nada
E a angústia nasce do medo de perder
O embalo e a leveza
Da folha na viagem da brisa dos sonhos.



LEMBRANÇAS

Edilsangela Pinto Ribeiro

O dia estava calmo e sereno,
Passeavam por entre as arvores
Os pássaros voando.
As folhas balançavam nas arvores.
Alguns animais brincavam no capim.
Tudo era sereno e bonito de se ver!
Eu sentia paz, segurança
Uma felicidade enorme!
Parecia está no paraíso
Ao cair da noite com o sol se pondo.
A sensação de tranqüilidade invadia a alma.
O silencio como se quisesse dizer tudo
Tudo que sentia!
As lembranças do passado, os momentos bons...
Ao mesmo tempo
Surgia um medo na alma
Não só porque se aproximava a noite...
Mas porque não queria enfrentar a realidade.
Realidade cruel e frustrante
Que aliena e acaba com as sementes
Que começam a brotar...
Angustia de achar que os sonhos meus
São impossíveis de realizar.
Que são inquietações
E interrogações da vida...

PERDIDA

Enilza de Almeida Caldas

Na noite fria
Sobre os campos molhados pela brisa,
Meu corpo flutua em um vazio imenso.
O silêncio invade o mundo...
Me perco!
Corro no ar!
Procuro uma saída
Tento me encontrar...

MISTÉRIO

Graciane Coelho Vieira

Campos floridos,
Que linda paisagem!
O caminhar sem pressa,
A tranqüilidade.
Que céu azul!
Nuvens, pássaros...
Rios, cachoeiras, quedas d'águas...
Horizonte
Ventos, sombras a passar...
Solidão!
Primeiras nuvens negras
A manchar o céu.
Alguém a observar meus passos
O medo! Talvez seja ele?



Procuro... procuro...
Onde está? Apareça!
Seja quem for! Apareça!
Caminho...
Flores, perfumes, céu, mar...
Outra vez, recomeça tudo outra vez...

INFÂNCIA

Graciane Coelho Vieira

A aparência não agradava ninguém. Pouco importava! Não dependia de ninguém! Para que se preocupar? Era rústico, isto sim! Não se importava com detalhes. O que interessava mesmo era sua vidinha. E viver naquele lugar era o que mais queria. Plantava arroz, milho, abacaxi, maracujá, feijão e só colhia frutos maravilhosos! Criava também galinhas, perus... Além disso, pescava... Era um excelente pescador! Nunca levava para casa peixes pequenos, pois se preocupava com a extinção da espécie naquele lugar. Lugar farto, porque tudo o que plantava colhia em abundância! Terra próspera! Levava uma vida simples, em uma casa pequena e sem muito luxo, com quarto, sala, cozinha e seus utensílios pendurados pela parede. Casa de ribeirão!

Seu Carumbé, era assim que o conheciam, era um homem alto, magro, moreno e aparentava uns cinquenta anos de idade. Vivia sozinho, talvez por isso, tivesse se transformado nesse homem rancoroso aparentemente. E quando as pessoas passavam pelo pomar murmuravam:

— Deus me defenda por a mão nesta fruta! Pode está envenenada. E ninguém se atrevia, todos tinham medo da reação daquele homem.

Mais furioso ficava quando alguém entrava em seu pomar para rouba-lhes as frutas. Pois todos os dias seus trabalhadores recolhiam os ovos das aves e os frutos fresquinhos para serem comercializados na feira da capital. E nenhum trabalhador se atrevia a degustar qualquer que fosse a fruta. Era punido, tinha que pagar!

E assim o tempo passava, a rotina não se alterava e o homem não mudava. Nas reuniões comunitárias ele não participava. Era um ser solitário e por isso era excluído, visto como um ser mau. Ninguém o compreendia. o que teria acontecido com aquele pobre senhor? Por que tanto mau humor?

As crianças da vizinhança, todas, morriam de medo do seu Carumbé. Porém, eles não imaginavam que uma menina corajosa mudasse os rumos da história e se atrevesse a cumprimentá-lo. Como se o medo não existisse, um dia ela parou em frente a casa dele e falou:

— Bom dia senhor?

Ele como um trovão sussurrou:

— Bom dias.

A garotinha se aproximou, fixou os olhos nele, observando todos os seus movimentos, imaginou qual seria a reação daquele tropejar se ela perguntasse por que as pessoas falavam tão mal dele... Prosseguiu com sua observação em silêncio e percorreu os olhos no pomar. O velho senhor a princípio não se incomodou, continuou cuidando de suas plantas. Então a garota comeu a ver varias frutas estragando no pomar e balbuciou:

— Seu... seu...

— Queres fruta? perguntou ele.

— É... sim!

A menina ficou tremula, mas insistiu:

— Pro senhor me dar estas frutas, elas não estão envenenadas?

— Não! Mas se não queres, tudo bem.

Maria, menina esperta e atrevida, explicou que sua mãe a havia proibido e proibido seus irmãozinhos de se aproximarem do local. Contou ao seu Carumbé que a mãe havia dito que as frutas daquele

pomar estavam envenenadas por causa do dono. Seu Carumbé, que não era muito de conversar, sentou e olhou para a garota:

Você tem medo de mim? Porque se atreveu a me cumprimentar? Eu sou mal, não sabes?

— Não. Você não é mau! Sabia que as crianças são muito perceptivas?

Como sabes disso?

— Ora, eu sei. Tanto é verdade que vou comer esta fruta aqui?

— Esta não.

— Sim, esta... e olhe está tão saborosa!

Menina atrevida, você não vai escapar! correu em direção a Maria, e ela saiu correndo. No outro dia Maria apareceu novamente:

— O que você quer? Roubar minhas frutas? Pode voltar de onde está? Maria não voltou, mas disse:

— Eu vim pagar as frutas.

— Pagar, como? Se você não tem dinheiro.

— Bem, mas eu posso trabalhar.

Trabalhar? Você vem é comer mais frutas.

— Então, já que o senhor não aceita, posso recolher os ovos?

De jeito nenhum! vai embora, suma, desapareça! A garota nem ligava. Sempre que podia, lá estava ela, provocando a fera.

As pessoas não entendiam, um homem mau e uma menininha inocente! No entanto, este homem não era mau, era solitário. E Maria apesar de pequena se tomou sua verdadeira amiga e confidente. Ela, e somente ela, fazia travessuras. Ia até o pomar, colhia os melhores frutos! Comia uns e levava outros para ele:

Coma! Estão docinhos! De início ele rosnava como lobisomem. E logo em seguida saboreava os frutos com gosto!

Pelas lentes de seus óculos, Maria lembra com saudade sua infância! Lembra da menina sapeca e atrevida que soube mostrar ao Seu Carumbé os doces das frutas que, embora fossem de seu pomar, ele nem sabia que existiam!

GENOVEVA

*Ivete Rodrigues
Zildéia de Jesus Aquime*

Naquela manhã, uma moça bonita, com muitos amigos e uma maravilhosa família acordou e percebeu que estava sozinha em casa. Levantou-se, abriu a janela e observou que o dia estava lindo. Foi aí que começou a imaginar:

Hoje é meu aniversário! Todos saíram e não me avisaram? Será que esqueceram a data?

De repente, o telefone tocou e Genoveva ficou feliz pensando que alguém tinha lembrado do seu aniversário. Correu para atender:

Alô! Quem está falando?

— Oi Genoveva, sou eu!

— Eu quem?

— Ah, você lá esqueceu de mim, né?

— Quem e você?

— Olha, tenho uma surpresa pra você!

Genoveva ficou aflita e pensando em silêncio que pudesse ser um de seus amigos querendo fazer uma surpresa para ela:

— Genoveva! Genoveva! Não desligue o telefone, por favor! Genoveva, pensou que ia escapar né?

— Com quem estou falando?

— Agora você vai ter a recompensa que merece por todas as coisas que aprontou.

— Eu? Eu não fiz nada!

— Claro que fez! Eu nunca esqueci o que você aprontou!

Genoveva a cada minuto desesperada e sozinha em casa começou a gritar que deveria ser algum engano, quando a VOZ do outro lado da linha disse:

— Genoveva, calma! Esta é apenas uma surpresa coitadinha!

E foi então que Genoveva ouviu varias vozes do outro lado da

linha, possivelmente rindo e parou de gritar. As vozes gritavam o seu nome ou ela estava imaginando que gritavam o seu nome apenas para não sentir mais o medo?

— Genoveva! Genoveva!

— Falem quem são vocês!

Passando alguns minutos de absoluto silêncio, Genoveva pode ouvir do outro lado da linha algumas vozes estranhas que queriam parecer familiares. As vozes diziam:

— Somos nós, sua família e seus amigos, que queremos parabenizar você por esta data especial, seu aniversário!

— Se são vocês, por que vocês não estão aqui?

— Deixe de perguntas! Estamos esperando você no salão azul da esquina, venha logo!

Nesse momento, desligaram o telefone e Genoveva ficou pensando se iria ou não? Se eram, de fato, seus amigos e parentes que estavam do outro lado da linha? Pensou, pensou e se perguntou em voz alta para ouvir a própria voz e se aconselhar melhor:

— Se eles sempre gostaram de ficar comigo, de me proteger, por que iriam fazer isso comigo? Por que me fariam medo? Será que devo ir ou não?

Foi então que Genoveva começou a ouvir batidas fortes na porta da sala.

ENGANO

José do Carmo Louzada d'Albuquerque

O telefone tocou três vezes, Cornélio pareceu tremer nervoso. Do outro lado da linha uma voz tremula disse:

— Cornélio corra! Vá agora para frente de sua casa, pois sua mulher acabou de entrar num carro, a ouvi dizer que vai para um motel! Em seguida, desligou.

Cornélio ficou intrigado, correu para olhar, não viu a mulher mais percebeu o carro saindo.

A raiva tomou conta do seu ser. Pegou um táxi e disse ao motorista:

— Depressa! Depressa! Vamos! Siga aquele carro vermelho e não deixe que percebam que o estamos seguindo!

O tempo passava, enquanto dava as coordenadas ao motorista do táxi para que seguisse o carro sem perdê-lo de vista, seus tremores iam aumentando. Sua imaginação voava! Iria ver a mulher da sua vida se encontrar com outro? O que faria? A mataria?

Iria apenas observar e chorar de tristeza? De repente, o carro parou em frente a um motel e entrou muito rapidamente. Droga! Pensou. É verdade! O pior é que não a vi entrar.

Hesitou ainda durante alguns minutos se entraria ou não no motel. Com medo da verdade não quis entrar, pediu então ao motorista do táxi que entrasse sozinho, observasse o quarto em que ela deveria estar e depois voltasse com maiores informações. Descreveu nos mínimos detalhes a esposa para que ele não corresse o risco de errar.

O motorista saiu, e em dois minutos armou-se uma enorme confusão! O motorista não apenas havia cumprido as orientações dadas por Cornélio, como trazia a mulher aos pontapés até a entrada do motel. Naquele momento difícil, Cornélio não pode esconder uma certa felicidade. Entusiasmado com a cumplicidade do motorista, deixou-se ficar por alguns instantes imóvel contemplando aquele homem que ele nunca havia visto na vida fazendo a sua vontade como a um Deus. De repente, lembrou-se que deveria tomar alguma atitude, exteriorizar alguma reação e encarar a situação de frente. Foi então que, ao se dirigir à traidora, percebeu que a mulher agredida não era a sua esposa. Como não esperava que a mulher agredida não fosse a sua, a primeira sensação que teve foi de alívio e de choque. Ficou calado. Mudo. Só então depois de alguns minutos, percebeu que não havia motivo algum para o motorista continuar batendo naquela mulher estranha por engano. Então, disse ao motorista:

— Ei, para com isso senhor! Houve um engano, graças a Deus, essa não é a minha mulher.

O motorista o olhou com uma frieza surpreendentemente terrível e disse:

— Pode não ser a sua esposa, mas é a minha!

LEVE MELODIA

José do Carmo Louzada d'Albuquerque

É leve o dia como a melodia
Ninguém me ouve
Tento alcançar as caminhadas
Fortemente pisando no chão
Sem hora para batalhas travadas
Em todo lugar ou nada.
Perseguição
Cada vez mais perto prevalece em última.
Estou vendo uma luz no fundo do túnel
Surge o medo e o desespero...
Percebi que nos conhecer por dentro da medo.
Como se estivesse congelado
Comecei a chorar
Clamo por nós
Aos poucos vou ressurgindo
Em nossa direção.
Vou me afastar,
Esconda-se numa só caminhada!
Mesmo assim
A todos atormento
Passos acelerados!
Portas que se fecham!
Gritos agudos e correntes que se arrastam!...

SAUDADE

Maili Bernadeth Assunção Veiga

Não era sempre
Mas de repente...
Sentia uma dor de não sei o quê,
O porquê e nem onde...
Como se um anjo triste me tivesse beijado
E extirpado todo meu ser num instante.
Não era sempre
Mas lembrava
De primaveras, invernos e outonos
De outros tempos que nunca chegaram
Que de longe vem e para longe se vão.
Não era sempre
Mas sei que chorava
Quando os de repente do tempo vem.
E me levavam ao som de sonatas
Para os tempos distantes que o tempo tem.



AMOR É SEMPRE

Manoel Domingos Gonçalves de Moura

Amor é sempre um caminho
Pela escuridão que procura
Algo de vento que paira no ar
E traz nada.
Parece que o vazio se estende
E no coração
O mundo
Um lugar frio e escuro
Como pode ter calma?
Na sombra da noite
O que será que pode ser?
O que vai acontecer?
O sofrer vai acontecer...
O sofrer infinito
Que me salva num lugar
Escuro e surpreendente.
Começo a caminhar
Junto a minha imagem de tristeza.
Meu Deus! O que fazer
Se cada vez o medo vai aumentando?
As coisas tem que mudar!
Presta atenção sorrateiro
Na canção de paz.
E não te desespera!
O desespero é agonizante!
Não agüento mais...
Estou ficando louco
De amor!

OS SENTIMENTOS

Marcos Silva Ribeiro

Um sossego ao navegar,
calmo, tranqüilo.
Longe do conturbado
e atordado barulho da cidade as coisas são boas.
Os sentimentos...
Está o amor ao meu lado
ou, quando não, está em meu coração.
A família está em paz
os amigos, tudo numa doçura divina.
Uma infinita graça
que aos meus olhos
é um rosto de mulher.
Com belezas e qualidades
que não cabem em palavras
está um homem no colo da mãe.
Triste, amparado pelo calor temo
pelo abraço seguro.
Atado de forma
que não pode cair,
o abismo é fluido...
Ele destrói a natureza
os pássaros
os seres magníficos da fauna e da flora.
Quem ou o quê o deixou assim?
De que forma junto dele
está também a nossa mais profunda tristeza?
Um desassossego enorme?
Porque sabemos que perder
é difícil ficar sozinho.
Ele tem alguém que o abraçar forte.

Ele está bem,
tão bem que compreendemos
que a dor é um mal que nos ensina.
Ele parece triste, porém agora está bem,
tão bem e tão seguro.
E o que parece e é o que importa.

TREMOR E TEMOR

Marcos Silva Ribeiro

Ele procura...
A noite está fria.
Atento
Flutua lentamente como as ondas.
Há paredes, mas o lugar é oco
Não o alcanço
Expressão apreensiva
Tremor e temor
O que nos resta é acalmar
Tendo vida ou não
Temos que lutar
Não sei definir o mistério.
E algo que choca
Instancia
Uma dor amarga
Corro em busca desse lugar claro
Vazio
Parece que estou
Mas deveria aceitar-me

Já que logo fui tocada por um sentimento
Fiquei bem quietinha
O que será isso?
Como o mar que sempre volta
Não sinto nada!
Caminhando
Sinto muito medo,
Invado lares
Tiro a paz
Tremo na alma
Alguém vem correndo...
Barulhos sinistros assolam
Sombras me rodeiam...
Há alegria sempre
E a tortura começa.

MELANCOLIA

Maria Jocélia Oliveira Furtado

De início a tranqüilidade para buscar algo.
De repente a tristeza aparece.
Acabo ficando sem ação
Para buscar aquilo que gostaria.
Tudo parece estar voltando ao início
A tranqüilidade.
Vejo-me em um local abandonado
Este local está escuro,
Começo a sentir medo.
Vejo alguém que gosto muito distante!
Quem sabe indo embora...
Parece que sinto um grande desespero, tristeza...
Vontade de alcançá-lo...
Não consigo!
De repente, pareço estar flutuando...
Percebo que é apenas imaginação
De um momento triste
Que está atormentando minha cabeça
Paro para relaxar,
Percebo que a melancolia
Está se afastando de mim.
Percebo que só depende de nós
Sermos e termos aquilo que queremos.
Deixo a tristeza, o medo e o desespero de lado.
Então consigo alcançar
A pessoa que parece
A cada minuto se afastar de mim.

O SER PREOCUPADO

Median Gaia Dias

Momentos
Constante preocupação.
Agonia
Num castelo.
Grades e momentos
De agonia constante.
Eternamente, eternamente
Com desespero e uma respiração
Fatigante...
Desesperadamente agoniza
O ser preocupado.
Consciência do quê?
De que dentro de si
Há um vazio
Que corre constantemente.



A LENDA

Median Gaia Dias

Certa mulher com o nome de Mariazinha contou um acontecimento para meu amigo Paulo e Paulo contou para mim, e isso já faz muito tempo!

Esse acontecimento ocorreu há muitos anos atrás! Acho que Mariazinha já nem existe. Ela morava num interior bem distante, chamado “Belas Lendas”. Era um interior igual a todos os interiores, com suas festividades, sua simplicidade, suas histórias de viagens e de feitiços. Enfim, um interior com um ar de encanto.

Em uma dessas festividades, em que seria homenageado um “santo” do lugar que no momento não recordo o nome, Paulo disse que Manazinha foi à festa em que por sinal estava presente toda a comunidade. Havia rapazes lindos de outros lugares, diziam que até tinha um do sul. Mariazinha, menina levada, logo se aproximou daquele belo rapaz alto de pele rosada e roupas brancas. Conheceu, trocou conversa, viveu um intenso amor e foi indo na relação. O problema é que a festividade acabou e o belo moço, que não era daquele lugar, foi embora. Um tempo depois Mariazinha notou que seu corpo mudava. Percebeu logo que estava esperando o fruto daquele relacionamento. O problema era encontrar uma maneira de dizer isso para seu pai que era tão rígido e vinha de uma família típica do interior. Família que tinha rédeas curtas controladas pelo “homem da casa”, o pai.

Foi aí que uma idéia surgiu na cabeça de Mariazinha que aproveitou o ar de encanto daquele tão distante interior que morava e contou a seu pai que, certo dia, quando ela caminhava pela ponte de sua casa surgiu um homem com roupas brancas e pele rosada e com olhar encantador que a encantou e a seduziu. Disse que, logo após seduzi-la, atirou-se no rio e não voltou mais a vê-la. Contou que o estranho sumiu naquela imensidão de rio num piscar de olhos. O pai todo assustado olhando para o rio viu um animal que mergulhava

nas proximidades de sua casa e notou que sua pele era rosada como a pele do rapaz que se encontrou com sua filha. Espantado, achou que aquele animal, “o boto”, era que tinha seduzido Mariazinha. Mariazinha concordou logo com a história do poder de encantamento do boto que, por sinal, logo se fez conhecida em todo o vilarejo. Sem saber, Mariazinha enriqueceu as muitas histórias fantásticas daquele interior. Só ela sabia que seu filho era fruto não do encontro que tivera com o boto, mas do encontro com um belo rapaz do sul do país.

O INIMIGO

Regiane Farias Neves

Como dói essa saudade
Que arrebatava o meu peito.
Dói ainda mais saber
Que tenho um mmii
O tempo!
O tempo não me permite o necessário
Para entender que aquela quimera
Não passa da mais lúgubre
E intensa realidade.
Imaginei um sonho!
Sonhei uma realidade!
Realizei uma quimera!
Mas o tempo
Esse inimigo derradeiro
Não me avisou que o tempo passava.
Passava depressa!
Fiquei tão acomodada
Que nem percebi
Quando tudo acabou.
Por isso
Conto minuto a minuto
Para arrancar de mim
Essa dor.

AUSÊNCIA

Rosiane Cristo Lobato

A falta que sentimos quando alguém parte
Da saudade e da tristeza..
Lembranças que vão e vêm
E que nos fazem sorrir
E que outrora nos fizeram chorar.
Sorrir; pelos momentos felizes
Que juntos passamos
E que sentimos de reviver.
Chorar por acordar para a realidade
Saber que os tempos
Que passaram não voltam mais.
As cenas que ficaram na memória jamais serão
revividas.
Talvez reinventadas
Com as mesmas sensações.
Com as mesmas saudades...
Saudades de quem partiu
Saudades das pequenas lembranças...
Apenas saudades...



LEMBRANÇA

Zildéia de Jesus Aquime

Lembrança de alguém
Que o tempo levou
Deixando um vazio.

Lembrança que dói
E fere sempre
Por dentro.

Lembrança que traz
Tristeza

Lembrança que traz
Certeza.

Lembrança do desconhecido
Que partiu sem avisar.

Parte IV





Santarém



multicampiartes

Criação e Circulação das artes pelos Campi da UFPA

MÁQUINA DA MORTE

Aulenice Ferreira da Cruz

Paisagens poeirentas da nova Europa
Milhões de pessoas mortas e varridas
Máquinas do extermínio sangra e fria
Expurgos aniquilados do grande mapa.

Cala o silêncio a limpeza étnica do rosário
Plenitude nazista de guerras, mãos escravas
Temem os gritos militares em território
Tropas de choque felizes a açoitar histórias.

Morte , alvo da conquista angustiante
Da vida vitoriosa declarada
O choro é o súbito acompanhante
Dos corpos feitos de borracha.

Fabrica mortos inquietantes
Galpões escuros gritam as raças
Vidas são ameaças baratas
De um sarcástico governo arruinante.

Cala-te, indesejável máquina da morte
Durmam portões secretos e sangrentos
Planos assassínios sejam aniquilados
Desperta o tormento do sossego!

O TEMPO

Aulenice Ferreira da Cruz

Único

Instante

Preguiçoso

Corre

Misterioso

Momento

Claro

Latente

Pensamento

Conversa

Chora

Namora

Choras

Conquista

Íntima

Magra

Temporal

Segundo

Eterno

Calor

Chuvoso



Adormece
Minutos
Lentos
Corredores

Alegre
Tarde
Confessa
Sonhos

Mágica
Manhã
Chuvosa

Pássaros
Acordam
Chorosos

Nasce
Relógio
Desperta
Ponteiro

Florescem
Idades
Tristes

SAUDADES

Alricélia Costa de Araújo

Durmo ouvindo aqueles passos de anjo
Num ímpeto sobressalta, ao som de coturno
Palavras doces e já amadurecidas de experiências
Cantos suaves que ao anoitecer
Balançavam a folhagem de uma pequena árvore.
Um fazer diferente que saíria do nada.
Uma face séria, feliz e agora enrugada.
Umas mãos macias e pesadas
A firmeza e a segurança eram tuas irmãs.
Eis o tempo, a conspiração do futuro.
Palavras poucas e cantos já não se ouvem mais,
Firmeza esta que foge de ti,
Amiga de sempre continua ao teu lado,
E num segurar de mãos pela tarde, mostra-me
Como prosseguir, mostra-me a vitalidade dos pássaros
Que revoam e a maré que vem e vai num balanço,
Com segurança um afago, um chamar,
Ao levantar ao cair, uma palmada, um escrever
De longe que agora já não existe e não volta mais.

O SPRAY DO AMOR

Érica Rego Ribeiro

Amor?
Remédio, soluções...
E como instruir? Instruir!
Para quem quer amar, indico este tratamento.
Faz-se uso a todo momento ou
Quando necessitares.
Guarde em um lugar reservado,
De preferência no coração.
É infalível!

PÉS

Gilmara dos Reis Ribeiro

Ter mais que dois pés e não ser dono dos seus próprios passos.
As mãos acariciando as rodas e guiando-as por entre os labirintos
antes tão fugazes. Não precisa mais dela, e por isso a deixou para
não ser lembrança àqueles que choram, do outro que descansa os
pés que tinha.

GRITO CONTINENTAL

Gilmara dos Reis Ribeiro

Aconteceu nos dias indefiníveis, na cidade da Paixão, Saudade, o V Enlace do Grito dos Enlouquecidos do País da Poesia, com o tema *o cintilar da vida e da consumação dos sonhos*. Eclodiu na raiz dos que amam tempestades de ilusões. Muito além da loucura, investiram no mês em que o tempo desconhece o que é transitório, em foz que deságua na vida uma confinação coletiva com outro tema: *porque amo, deixo-me a mim mesmo a co-experiência dos cordeiros viventes que gritam “liberdade”*. Essas manifestações anseiam despertar a essência da vida e o descobrimento do ilimitável, assim como um olhar sedento que vislumbre no outro a eternidade alcançável, veiculando o sopro oscilador das loucuras, para que a vida torne-se mágica e seus fantásticos astros protagonizem um novo tempo onde o reino dos sonhos é possível e existe.

A MULHER LOUCA

Nezi Pimentel

Érica Rego Ribeiro

A noite estava enluarada. Os sons que vinham da mata pareciam saldar a magnitude da lua. Um vento forte varria a copa das árvores e as folhas valsavam ao luar.

De repente, uma voz feminina ecoa no ar. Toda a magia da noite modifica-se. A pessoa falava, gritava parecendo estar em total desvario.

Nas redondezas todos ficaram temerosos com a voz e os gritos vindos da direção do lago. Isso acontecia há algum tempo, mas ninguém sabia quem era. Uns pensavam que se tratava de uma alma penada.

Como o fato acontecia só em noite de luar, um morador teve a idéia de ir à beira do lago e esperar acontecer aquilo que intrigava a todos. Esperou pacientemente e adormeceu. De súbito foi acordado por uma voz de mulher que teimava falar em altos brados e, ao final de cada frase, soltava gritos. O homem ficou assustado com o barulho, porém resolveu ir em direção aos gritos. Queria saber do que se tratava. Caminhou alguns instantes e deparou-se com uma mulher olhando a lua.

Ela era alta, tinha a pele clara, os cabelos compridos e negros e trajava um vestido longo branco. A mulher falava, gesticulava e corria em círculos, rodopiando, rodopiando, rodopiando...

Diante da cena, o homem nada entendia, no entanto tudo o que viu tocou o seu coração. E ele sentiu um desejo enorme de ajudar aquela pessoa. Correu até ela e, sacando cordas fortes, tentou amarrá-la. A moça tinha uma força brutal. Travaram luta durante um bom tempo e, finalmente, conseguiu vencer, amarrando-a e colocando-a em uma canoa que estava no lago.

Ao amanhecer, ambos chegaram ao vilarejo. Os moradores curiosos aproximaram-se da ponte onde se encontrava a canoa com a moça amarrada. Ninguém comentava outra coisa. Todos ficaram sabendo que aquela moça era a responsável pelos gritos e as falas que vinham da beira do lago toda noite de luar.

A comunidade reuniu-se e a levou ao hospital mais próximo. Não demorou dois dias, ela faleceu. Assustados, os enfermeiros contaram que viram estranha luz interna clareando o corpo da moça e, em seguida, desapareceu sem deixar pistas.

A GREVE

Raimunda Carla Alvorêdo da Cruz

Os servidores do Instituto Nacional do Amor e Reforma do Beijo (INARBE) manifestam seus sonhos e desejos com muito ardor. Anseiam a um amor fiel. Beijos calientes. Os cartazes. As faixas retratam a reivindicação. Cobram respeito do homem, seus chefes, amor e consideração. O movimento aconteceu em uma manhã de sol, aquecendo os corações.

MINHA PROFESSORA

Sâmela Ramos da Silva

Cadeiras enfileiradas, a mesa na frente da sala. Chegava todas as manhãs fingindo que não estávamos lá. O tempo ensinou o que ela nunca ensinaria. Longe dali éramos felizes.

ÍNDIOS

Sâmela Ramos da Silva

As histórias de vovó sempre eram de arrepiar. Morava na vila de Aramanaí, em Belterra. A casa onde vivia há muitos anos pertencera a uma família de sulistas. Eles foram os primeiros a morar naquele lugar. Ao redor, matas muito fechadas, bem diferente do que é hoje.

Àquela época, tribos que ainda não haviam tido contato com outros homens estavam espalhadas por todas as bandas.

O dono da casa trabalhava no seringal e passava o dia embrenhado nos matos. A mulher, que ficava em casa e cuidava dos dois filhos, estava grávida de alguns meses.

Por ali ainda não haviam visto índio, pois evitavam chegar perto dos homens brancos. Mas a família passou a ser vigiada por um grupo de guerreiros.

Certo dia, ao voltar, o pai perdeu-se na mata; os caminhos confundiam-se e não conseguia sair. Conta-se que naquele fim de tarde os índios invadiram a casa, mataram as crianças, atearam fogo na casa e levaram a mulher.

Ao longe, avistava-se a casa ardendo em chamas. O marido, em desespero, diante daquela situação, nada pôde fazer. Sua angústia aumentou ainda mais ao encontrar os corpos dos dois filhos; mas o da esposa não estava lá. Reuniu homens com espingardas e rifles, pois tinha certeza de que os índios levaram a sua mulher.

Ninguém sabia nada sobre ele, de onde vinham, onde moravam. Eram como fantasmas na floresta. Procuraram por semanas, mas nada encontraram.

Passaram-se anos e aquele homem, enlouquecido, vagava sem rumo pelo vilarejo.

Ela contava que seu pai, durante uma caçada, vira índios correndo pela mata e, no meio deles, uma senhora loira, totalmente nua, pintada como eles.

DEVANEIO

Tânia Mara dos Santos Dezincourt

Anoiteceu meu coração
Serenou-se para sempre
Eclipsou-se.
Fatigado pelos luares dos velhos românticos,
Sobrou-me apenas a brisa gélida,
O céu de um vermelho-chama
Anunciando a tempestade
E as sombras a me seguirem.

ESTRANHO ENCONTRO

Tânia Mara dos Santos Dezincourt

Era uma noite como outra qualquer. Pedro estava tão entediado que resolveu dar uma saída. Então, lembrou-se que haveria uma festa a poucos quilômetros de sua casa. Decidiu ir. Quando chegou ao salão de dança, já havia algumas pessoas dançando. Encaminhou-se para o bar e pediu uma bebida. Logo em seguida, foi para a pista e pôs-se a dançar.

Já eram quase duas horas da madrugada, quando decidiu voltar para casa. Seguiu pelo caminho mais longo, pois não estava com pressa. A lua iluminava a rua. Caminha devagar. Dobrou uma esquina por onde nunca tinha andado antes.

De repente, deparou-se com uma linda mulher que parecia andar na mesma direção que ele. Seu vestido branco voava como

a brisa leve, dando-lhe a impressão de que flutuava no ar. A moça, vendo que Pedro a olhava fixamente, sorriu-lhe e falou:

— Oi, você mora perto daqui? Posso te acompanhar, eu estou vindo de uma festa, meus amigos estavam tão bêbados que se esqueceram de mim e tive que vir sozinha.

Pedro respondeu:

— Que coincidência, eu também estou vindo de uma festa. Moro não muito longe daqui.

No começo da conversa Pedro ficou meio desconfiado, parecia até arrependido de ter falado com a estranha. Mas, aos poucos, foi percebendo que ela não representava perigo algum. Aquela desconfiança devia ser paranóia de sua cabeça. Foram caminhando por uma rua pouco iluminada. Pedro notou a fisionomia abatida da jovem, mas nada disse.

Quando chegaram a uma avenida iluminada, o rapaz percebeu a imagem um pouco desfigurada da moça e perguntou:

— Você está doente?

Ela respondeu:

— Não. Só preciso descansar um pouco.

Ao passarem pela frente do cemitério, Pedro perguntou se a mulher não queria tomar um copo d'água ou alguma outra bebida, pois fazia quase duas horas que estavam caminhando. Ela não aceitou, dizendo que também estava perto de casa. Foi quando Pedro despediu-se e entrou pela porta principal do cemitério, onde se via um longo corredor. A jovem, ao vê-lo entrar, perguntou:

— O que você vai fazer aí?

Pedro, como que surpreso, falou:

— Eu moro aqui. Sei que parece meio estranho, mas já me acostumei com o lugar.

A moça, somente nessa hora, observou como Pedro era excessivamente pálido e magro. E mais assustada ficou quando viu o rapaz entrar em um grande mausoléu. Um arrepio perpassou seu corpo e, por um momento ficou petrificada. Quando se recuperou, saiu desesperada gritando por socorro em direção de sua casa.

ENCONTRO

Tatiane Felisberto dos Santos Comisso

Gritos, horrores estes são os sabores das palavras deixadas no vento.

O meu reflexo pintado no espelho da vida, revelado por um arcanjo desconhecido que me verá despida no profundo do eterno.

Palavras que se encontram e somam dando sentido.

Sentido revelado por uma boca sublime da inocência.

Vejo as fissuras do meu corpo-copo, frágil enraizado de dor.

As farpas doloridas do meu oco coração feito de pó fino de lembranças plasmadas do infinito.

Os cacos vivos, pingados de almas mostrando as falhas de minha existência, motivos carregados de mudanças.

Um encontro propiciado para descobrir um rumo, um novo viver, um novo ser.



TE CONHECI

Verônica Avelino Araújo

Em uma manhã conheci tua essência especial,
Teus olhos estavam molhados com lágrimas
Sombreadas de tristezas; teus dedos trêmulos
Levados até a face talvez sem acreditar.

A boca entreaberta com um pedido mudo
De esperança que não chegava; teus seios
Pequenos feitos de barro e cabelos de folhas
Secas levadas pelo vento.

Na pele a força do sol se impondo
As mãos que falavam da paz que não existiu
Não havia vida, sonho, esperança
Só desprezo como nevoeiro que não passa.

A VISÃO DO OUTRO

Aulénice Ferreira da Cruz

Gilmara dos Reis Ribeiro

Tatiane Felisberto dos Santos Comisso

Personagens: boto galanteador, cabocla, um grupo de músicos.

Cenário: uma festa no interior com fogueira à beira de um rio.

Era noite de lua cheia. Ao redor de uma fogueira, violeiros tocavam e cantavam. O barulho da música alegrava os participantes. Uma moça está sentada ao pé do grupo de músicos. O crepitar do fogo os aquece. Diminui o som da música, ecoa o barulho do rio. Aparece pouco a pouco um homem segurando algo que põe na cabeça. Era o boto. Curioso, olha a roda. Atraente e de formas perfeitas, veste-se com calça e camisa branca. Na cabeça, um escultural chapéu. O olhar registra a presença da menina cabocla, sentada na areia. Astuto, observa os homens inebriados com a música que tocavam. A menina trajava um vestido floral e seus cabelos negros estavam enfeitados com uma flor branca. O homem lança um olhar persistente e profundo. Aproxima-se ainda mais do grupo, porém com cautela. Ele olha nos olhos da menina e inicia a conversa.

BOTO: Teus cabelos são como o céu escuro e esta flor é a lua a me iluminar. Eu sou o poeta em busca de uma poesia para declamar e nela te eternizar. Todas as palavras se esconderam, pois nenhuma está à tua altura. Precisaria inventar novas palavras para te descrever.

CABOCLA (Olhando-o fixamente, como que enfeitiçada): Olá, moço. Que palavras lindas! Tu és novo aqui?

BOTO: Tão novo fui feito para fazer do meu amor por ti sempre novo e fazer-te sentir uma nova mulher cada desabrochar do teu corpo.

Olhando-a, pega a mão dela e, com um olhar fixo, beija a mão da menina. A cabocla sorri e ele lança um olhar encantador sobre a moça. Enquanto isso, todos os presentes dançam, bebem, cantam.

BOTO: Ofereço-te a noite, oh, donzela! Minhas palavras não são suficientes para descrever tão pura beleza.

CABOCLA (O coração da moça bate muito forte): Nunca tinha ouvido coisas assim, tão doces e sinceras.

BOTO: Minha amada, aceitas dançar sobre a areia?

A cabocla, envolvida pelo clima sedutor, inicia com o belo rapaz uma dança sensual. Muda, não desgruda os olhos do boto.

BOTO: Serás minha e no meu amor eternizarei teu encanto. Voarei ao céu e trarei uma estrela. Irei ao fundo do rio e buscarei um tesouro perdido. Tudo isso só para te provar meu amor. (Sussurra no ouvido da moça) Vamos para outro lugar, quero te levar às alturas, dar-te amor. Batizarmos-nos na essência da paixão concretizarmos essa união.

A menina, encantada com aquelas palavras e presa ao olhar do jovem homem, deixa-se conduzir e se entrega ao boto. Rolam violentamente na areia do rio sob o luar.

BOTO: Querida amada, linda noite me propiciaste. Como és linda, menina-mulher minha!

CABOCLA: Meu amor...

A menina adormece contemplando-o sobre a cama de areia, ao som da maré no vai-e-vem das doces águas do rio. O boto se ergue, olha a moça e, apaixonado, solta um assobio ensurdecedor. Caminha em direção à água. Hesita partir. Sente-se cruel. Num salto ágil e

certo retoma o caminho de volta sem olhar para trás. A menina, ao acordar, agora mulher, vê-se sozinha. Sente ainda o cheiro daquele homem. Ao seu lado apenas uma arraia seca em decomposição. O pitiú propaga-se no ar. Procura o boto. Quer chamar seu nome, mas não o sabe. Levanta-se e segue as pegadas, marcas do seu primeiro amor. Senta-se e olha o infinito das águas.

POSFÁCIO

Com o mistério das noites paraenses no olhar, graças ao Curso de Literatura do Multicampiartes, jovens principiantes nas artes da palavra disseram ao boto o medo, a infância, a forma dos objetos, a história, a natureza, o segredo, o tempo e o amor como uma possibilidade de sugestão das coisas sussurradas nas pequenas ruas das cidades, ao pé do ouvido. Escreveram o nome de seus desejos de compreender as breves fragmentações do cotidiano e a força das situações insólitas no universo dos tipos sociais com a esperança de tornarem-se leitores mais corajosos.

Não menos inquietante que a vontade de explodir a referencialidade da palavra, os poemas, contos e crônicas selecionados nesta Coletânea demonstram que só existe o caminho da ação extensionista para o jovem escritor do interior, esperançoso por instrumentalização para continuar escrevendo seus textos literários fora dos muros da Universidade.

Como uma realização da criação literária de cada jovem escritor e do efeito da cultura local e de sua leitura desta cultura, nasceram os poemas, contos e crônicas deste livro. Textos que procuram contar e sugerir o imaginário e a sensibilidade do paraense constam nesta Coletânea como uma metáfora do desejo de todo escritor de poder perceber a linguagem, tornando-se uma bela trajetória em busca da valorização das amplas possibilidades da palavra crescer em seu poder de significação. Não menos importante que todas as razões que motivaram direta ou indiretamente a criação destes textos são, sem dúvida, os fatos estéticos apresentados por estes jovens escritores como atos germinadores de tantos outros futuros textos que abrirão a necessidade de escrever o mundo com as próprias mãos, com o próprio desejo.

Profa. Ângela Sampaio.





Ao publicar o livro *Linha Literária: Coletânea de Textos do Multicampiartes*, que é resultado imediato dos Cursos de Literatura nos municípios de Altamira, Breves, Cametá e Santarém, a PROEX-UFPA traz a público mais um produto da extensão universitária, fortalecendo e reafirmando os elos entre a comunidade acadêmica e a sociedade, valorizando os autores locais, dando visibilidade a esses artistas e seus talentos, credenciando a Universidade como um espaço de referência para esses sujeitos de cidadania.

Profa. Dra. Ney Cristina Monteiro de Oliveira
Pró-Reitora de Extensão da UFPA



multicampiartes

Criação e Circulação das artes pelos Campi da UFPA

PROEX
U F P A



Campus Universitário do Tocantins/Cametá-UFPA

ACERVO DIGITAL

Esta obra digital em formato PDF foi gentilmente disponibilizada por seu(s) autor(es), organizador(es) e/ou detentor dos direitos autorais para ser distribuída gratuitamente pelo Campus Universitário do Tocantins/Cametá-UFPA, por meio de seu WebSite Institucional **www.campuscameta.ufpa.br**

É permitido apenas seu uso pessoal, não comercial e, preferencialmente, para fins educacionais.

Esta cópia pode ser distribuída livremente, desde que seja mantida a sua forma original e também seja citada a fonte de onde ela foi retirada. Para republicação em outros sites da internet, solicitar autorização ao Campus do Tocantins/Cametá.

Questões relacionadas a direitos de autor, dúvidas ou outras questões podem ser dirigidas ao Campus Universitário do Tocantins/Cametá-UFPA por meio do e-mail **cameta@ufpa.br**

Boa leitura!